



**CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016  
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

Ramyris Alves Ferreira

GRUPOS INTERGERACIONAIS: estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência  
e velhice

Palmas – TO

2021

Ramyris Alves Ferreira

GRUPOS INTERGERACIONAIS: estereótipos e preconceitos entre as gerações  
adolescência e velhice

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Ana Leticia Covre Odorizzi  
Marquezan

Palmas – TO

2021

Ramyris Alves Ferreira

GRUPOS INTERGERACIONAIS: estereótipos e preconceitos entre as gerações  
adolescência e velhice

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Me. Ana Letícia Covre Odorizzi  
Marquezan

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Me. Ana Letícia Covre Odorizzi Marquezan

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

---

Profa. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

---

Profa. Me. Dra. Ruth do Prado Cabral

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA

Palmas – TO

2021

Dedico esta monografia, em especial aos meus pais, no qual fazem parte dessa conquista. Grata a minha imensa admiração por este curso, que me tornou capaz.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha família, que fez parte de todos os processos da minha graduação, em especial meus pais (Raimunda Dalva e Valdeci), no qual são minha fonte de inspiração, obrigada por tanto.

Durante o desenvolvimento desta monografia, foi difícil entender que o processo é contínuo até a sua conclusão, mas estudar com várias dificuldades à nossa volta, é ainda mais difícil. Nesse processo, no alto pico pandêmico, quase perdi meu pai, uma das minhas razões que tenho para conquistar meus objetivos.

Grata aos amigos que formei durante essa longa jornada, vulgo minhas maravilhosas amigas Jenniffer, Yarle e Paula, sou completamente feliz por ter conhecido e ter dividido momentos únicos com vocês. E também, a minha dupla, minha querida Gabrielle, sua amizade foi um presente para mim.

Agradeço a banca desta pesquisa, formada pela Profa. Me. Cristina D'Ornellas e a Profa. Me. Dra. Ruth do Prado, obrigada pela disponibilidade de tempo e pelas ricas contribuições a fim de melhor contemplar este trabalho, a vocês todo meu respeito e admiração. Grata pela oportunidade!

A minha orientadora Profa. Me. Ana Letícia, gostaria de expressar aqui minha eterna gratidão, você é fonte de inspiração, obrigada por sua empatia e cuidado durante todo o processo do desenvolvimento desta pesquisa, suas riquíssimas orientações e contribuições. Obrigada por tanto, professora!

Por fim, grata ao meu empenho e determinação, gratas as dificuldades enfrentadas nessa etapa, é grata aos bons momentos vivenciados!

## **LISTA DE ILUSTRAÇÃO**

Figura 1 – Fluxograma das Etapas da Pesquisa.....	38
Figura 2 – Fluxograma da Revisão Narrativa.....	42

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Quantidade total de artigos e teses encontrados nas plataformas digitais utilizando as palavras-chave em português.....	40
Quadro 2 – Quantidade total de artigos e teses selecionados e filtrados, considerando os critérios de inclusão e de exclusão (palavras-chave em português) .....	41

FERREIRA, Ramyris Alves. **GRUPOS INTERGERACIONAIS:** estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência e velhice. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 70 f., 2021.

### **RESUMO**

Em decorrência do tempo, os grupos intergeracionais sofrem as dimensões ocasionadas pela evolução que se instalam no meio familiar, e como esta dinâmica lida com os conflitos internos acerca de opiniões referente aos contextos que surgirão. Portanto, a presente pesquisa buscava contextualizar os estereótipos e preconceitos existentes entre gerações de adolescentes e velhos, investigando as temáticas direcionadas ao adultismo, identidade de gênero, sexualidade e religiosidade na intergeracionalidade, tendo como fundamentos as pesquisas virtuais do ano de 2010 ao de 2020. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com objeto metodológico descritivo, de procedimento metodológico de revisão sistemática de literatura e uma natureza qualitativa. Fomentando a amostra, artigos e dissertações serão acessados em três plataformas virtuais: SciELO, BVS-Psi e Pepsic, posteriormente após a coleta, os dados foram selecionados, filtrados e comparados entre si, apresentados em fichas sínteses de cada artigo. Ao final, chegou ao resultado de 66 artigos, dos quais oito foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. No entanto, constatou-se escassez no que tange a temática deste estudo, sendo ainda pouco investigado, porém os artigos selecionados abordam temas que podem proporcionar discussões futuras, nota-se que existem pesquisas mas em outras perspectivas, como por exemplo as percepções do envelhecimento, a importância de políticas públicas para diminuir o preconceito etário, tanto por profissionais de saúde quanto pela própria sociedade em geral, e estudos a respeito do sexismo com adolescentes do sexo masculino, indicando estereótipos e hostilidades voltados a mulher. Conclui-se que esta pesquisa pode auxiliar como base para futuras investigações e intervenções, tanto práticas quanto teóricas, validando a importância de discutir sobre grupos intergeracionais.

**Palavras-chave:** Grupos intergeracionais; Estereótipos; Preconceitos; Adolescência; Velhice.

FERREIRA, Ramyris Alves. **INTERGENERATIONAL GROUPS**: stereotypes and prejudices between adolescence and old age generations. Completion of course work (Graduation) – Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas/TO, 70 f., 2021.

#### **ABSTRACT**

As a result of time, intergenerational groups provide the dimensions caused by the evolution that settle in the family environment, and how this dynamic deals with the internal conflicts over information related to the contexts that will arise. Therefore, this research sought to contextualize the stereotypes and prejudices existing between generations of adolescents and the elderly, investigating themes directed at adultism, gender identity, sexuality and religiosity in intergenerationality, based on virtual surveys from 2010 to 2020. It is a bibliographical research, with descriptive methodological object, of a methodological procedure of systematic literature review and a qualitative nature. For the sample, articles and dissertations will be accessed on three virtual platforms: SciELO, BVS-Psi and Pepsic, after collection, the data were selected, filtered and compared to each other, exploring in summary sheets of each article. In the end, it reached the result of 66 articles, of which eight were selected according to the inclusion and exclusion criteria. However, it was found that the theme of this study is not scarce, being still little investigated, but the selected articles address themes that can provide future perspectives, it is noted that there is research but in other perspectives, such as the perceptions of aging, the importance of public policies to reduce ageism, both by health professionals and by society in general, and studies on sexism with male adolescents, indicating stereotypes and hostilities towards women. It is concluded that this research can serve as a basis for future investigations and interventions, both practical and theoretical, validating the importance of discussing intergenerational groups.

**Keywords:** Intergenerational groups; Stereotypes; Prejudices; Adolescence; Old age.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	15
2.1 Desenvolvimento Biopsicossocial na Adolescência .....	15
2.2 Desenvolvimento Biopsicossocial na Velhice .....	19
2.3 Interrelação nos Grupos Intergeracionais .....	22
2.3.1 Interrelação Entre Velhice e Adolescência no Desenvolvimento Biopsicossocial .....	24
2.4 Estereótipos e Preconceitos Entre Velhice e Adolescência .....	27
2.4.1 Adultismo na Intergeracionalidade .....	28
2.4.2 Identidade de Gênero: Ênfase Para o Velho e Adolescente .....	30
2.4.3 Sexualidade e os Conflitos na Intergeracionalidade .....	32
2.4.4 Religiosidade na Intergeracionalidade .....	34
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	36
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	40
4.1 Resultados dos Dados Descritivos Numéricos Referentes as Buscas nas Plataformas .....	40
4.2. Análise Fichas Sínteses .....	51
4.2.1 Eixo 1: O Envelhecimento na Percepção do Adolescente .....	51
4.2.2 Eixo 2: A Representação Social do Envelhecimento .....	52
4.2.3 Eixo 3: Estereótipos e Preconceitos Sofrem Influências Intergeracionais .....	54
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	58
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60

## 1. INTRODUÇÃO

A intergeracionalidade agrega em si as interrelações entre os descendentes e velhos, formando os grupos que diariamente buscam por respeito às perspectivas individuais, as intergerações quando oferecem espaço de trocas por meio de diálogos, resulta em ganhos secundários, a exemplo de isentar os sentimentos de insegurança presentes no processo de envelhecimento e adolescência (BORTOLAZZO, 2016).

O adolescente vive cercado por gerações com pensamentos e aprendizados diferentes, mas em particular vivencia seus conflitos de crise de identidade, aludindo aos anseios de incluir-se no mundo, com anseios interpessoais, pessoais e emocionais. Encontrar a identidade envolve muitos marcos na vida deste adolescente, o identificar-se em meio aos julgamentos por ser único, torna-se um grande desafio na vida destes indivíduos (PAPALIA; FELDMAN, 2006).

Todo o marco deste período é fundamentado no quinto estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1930), intitulado como *identidade versus confusão*, no qual o adolescente deseja ter a individualidade, e as dificuldades e preconceitos relacionados à própria ao caminho que percorre para realização de seus feitos acadêmicos, profissionais e pessoais (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011).

Para resolução das crises, ainda segundo o quinto estágio do desenvolvimento de Erikson, postuladas de: Execução, Moratória, Construção de identidade e Difusão de identidade. A Execução baseia-se nas dimensões de metas ideias e ocupacionais, a categoria de Moratória inicia a crise pela sensação de ambiguidade, o desenvolvimento da identidade indica a ação do adolescente e início de estabilidade aos caminhos que deseja seguir, por fim a Difusão de Identidade que abrange a ausência de impulsos pessoais e busca por metas presentes e futuras (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SUAREZ, 2003, 2005, 2007). O processo trilhado até a vida adulta contém diversas situações complexas, que constantemente sofrem influências pelo meio. Portanto, o envelhecer é notável pela sensação de acúmulo de memórias e sabedoria adquiridas no envelhecimento, mas também pode advir a ser uma fase dolorosa pelo sentimento de finitude e proximidade do óbito (PEREIRA; DE FREITAS; DE ASSUNÇÃO FERREIRA, 2014).

Por diante, no iniciar do ciclo vital, começa o processo de envelhecimento daquele indivíduo, pertencente ao meio familiar ou por pessoas que compartilham do mesmo espaço e ideologias, contribuindo para a estruturação do grupo que auxiliará na amplitude no contato e experiências no mundo (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997).

Adiante, o envelhecimento se aproxima simultaneamente com fatores biológicos e psíquicos, podendo ter negatividade e benefícios, o que infere na história de cada indivíduo,

traz consigo também mudanças fisiológicas, psicológicas, psicossociais, econômicas, políticas, entre outras. Tratando de um processo natural e individual, sentido e apresentado por inúmeras formas (PALÁCIOS, 2004; DEZAN, 2015).

Ainda é um campo pouco investigado, a não valorização da idade considerando-a positivamente uma dádiva, de modo que é associada a comorbidades e morte, muitos tabus de invalidez e menosprezo com o velho<sup>1</sup> por achar que não agrega mais evolução, ou seja, visto como alguém que necessite apenas de repouso enquanto se achega a finitude. Passeios entre os familiares são limitados ou literalmente extintos, atividades físicas também, dentre inúmeros outras discriminações na velhice (BEAUVOIR, 2018).

Assim como denominado pelo autor Erikson (1971) o último estágio do desenvolvimento psicossocial se dá aproximadamente entre os 60 anos até a finitude, este é conceituado pela *integridade do ego versus desespero*, o qual pode ser marcado subjetivamente por uma etapa de plenitude ou desespero (RALHA-SIMÕES; RALHA-SIMÕES, 2015).

O envelhecimento não é um ciclo entendido como situações que limitam as ações do sujeito e as capacidades próprias, e também pode estar vinculado ao sistema sócio-político que entende o envelhecimento associado a não produtividade, deste modo restringir o velho de seus anseios por conta da idade é um ato de menosprezo, em circunstância do mesmo ainda ter as potencialidades de praticar atividades de lazer, laborais e dentre outras que qualquer pessoa com menos idade é apta a executar (AGICH, 2008).

Para Kahn e Antonucci (1980), é imprescindível para o velho ser assistido e incluído no comboio social, pois os contatos ali presentes colaboram consideravelmente na longevidade de saudável no que diz respeito aos processos biopsicossociais. Portanto, as interações e o direito de vivenciar e a validação de sentimentos pelas pessoas que lhe acompanham, é essencial (CACHIONI; BATISTONI, 2012).

O agrupamento intergeracional evidencia as aproximações por afinidades e respeito aos papéis emergentes. A partir da união grupal a personalidade pode ser influenciada em suas atribuições, modificando-se constantemente, identificando as ideias que serão relevantes ao grupo ou não (ZANELLA; PEREIRA, 2001).

No meio coletivo, existem alguns conflitos voltados a idade dos integrantes, alguns adolescentes apresentam queixas da falta de entendimento por outros participantes de mais

---

<sup>1</sup> O termo “velho” é adotado em respeito aos estágios do desenvolvimento humano, ou seja, a fase no qual os sujeitos estão. Considerando que, na cultura, o termo que se refere a criança é criança, adolescente é adolescente, adulto é apenas adulto, e velho é "idoso", "melhor idade", "terceira idade", "novo velho". Muitos outros termos são usados para se referir a indivíduos nesta fase da vida (MARQUES, 2004).

idade, como por exemplo os velhos, que isenta os adolescentes de aprender ou aperfeiçoar habilidades, apontando inseguranças nos atos desenvolvidos, seja laboral, pessoal ou interpessoal (COELHO, 2013).

O velho também sofre ideias preconcebidas e estereótipos das gerações formadas por adolescentes, metodicamente apresentando os velhos como ranzinzas e de poucas aberturas para diálogos com opiniões divergentes, isso por ter um grande significado de experiência pelo denso trajeto de experiências no mundo, em razão disso ambas as gerações não permitem o conhecer e tirar suas próprias conclusões (DE SOUSA, 2014).

Segundo Santoro (2014), os estereótipos existentes nas gerações são destinados às justificativas de comportar-se em público ou em particular, indicado por características externas, ressaltando a interferência cultural e intergeracional acatadas e ensinadas a cada membro grupal.

Portanto os estereótipos, são entendidos por prejulgamentos sem que seja feita investigação e contextualização do assunto em questão, alienando as pessoas em próprias ideias e enrijecidos nas reflexões subjetivas, em vista disso os preconceitos podem vir a ser apresentados por ações violentas verbais e físicas (BORGES, 2006).

Desta forma, os preconceitos e estereótipos surgem nos grupos intergeracionais com segmentos nas estruturas de crenças e valores, podendo haver versatilidade nas diferenças individuais e sociais, dessa forma apresentam opiniões consideradas conservadoras nas perspectivas voltadas à identidade de gênero, sexualidade e família (VENCATO, 2015). Dentre os estereótipos e preconceitos selecionados para trabalhar e contextualizar nesta pesquisa, estão o adultismo, identidade de gênero, sexualidade e opção religiosa.

Apresentados e discutidos dentro dos grupos intergeracionais, o adultismo pode ser caracterizado pela limitação do adolescente, de modo que a família não permita o adolescente estudar para a graduação que goste, ter vínculos de amizades com culturas diferentes (CASTRO, 2018).

A identidade de gênero possui uma diversidade em seu significado, desde o teórico até o popular, e segundo De Jesus (2012), pode ser entendido pelo gênero em que a pessoa possui maior identificação, entrando ou não em concordâncias biológicas.

A sexualidade, segundo o autor Michel Foucault (1984), existe em vista das ligações entre as expressões sexuais e os contatos físicos, objetivando o prazer. Com todos os estereótipos e preconceitos existentes, também entra a religiosidade na intergeração, englobada por uma congregação de um grupo que usa e pratica as mesmas crenças, gerindo e unificando-se mediante a crença e busca pelo “Sagrado” (DA SILVA, 2004).

Por diante, as diversidades existentes em qualquer meio intergeracional, os papéis no grupo surgem ao longo do ciclo vital e alguns não aceitam as modificações fora da sua linha de pensamento, mas outros possuem alternativas e viabilizam maior satisfação perante as situações e contextos que irão transcorrer.

Sendo assim, o trabalho apresenta como problema de pesquisa a questão: Qual a importância na formação de grupo intergeracional para desconstrução de estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência e velhice? Dentro das hipóteses levantadas, pressupõe-se que, as influências em grupos de intergerações podem seguir um delineamento para o desenvolvimento ou permanência de estereótipos e preconceitos nas gerações seguintes.

Como objetivo geral, o trabalho discute a importância da formação de grupos intergeracionais para a desconstrução de estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência e velhice. Para o desenvolvimento deste estudo, os objetivos específicos selecionados, foram: contextualizar o conceito de intergeracionalidade, identificar os estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência e velhice, relatar a pós-formação dos grupos intergeracionais para a desconstrução de estereótipos e preconceitos entre as gerações abordadas.

Desta forma, os artigos e dissertações que foram relacionados a temática em três plataformas digitais SciELO, BVS-Psi e Pepsic; de modo que os resultados encontrados foram apresentados qualitativamente por meio de quadros e fichas sínteses de cada artigo selecionado. Por fim, os dados foram discutidos qualitativamente, pontuando semelhança e diferença entre as publicações, a fim de apresentar um panorama geral da situação da pesquisa envolvendo o tema.

Com base nisso, esta pesquisa justificou-se pela hipótese de que os estereótipos e preconceitos estão presentes dentro dos grupos intergeracionais que apresentam inflexibilidade diante de novas linhas de pensamentos, com opiniões formadas e sem interesse para ampliar os conhecimentos por meio de trocas empáticas, ou seja, enfatizam as desaprovações ao que diverge de suas ideias, em prol das experiências adquiridas ao longo da vida que acredita ser verdadeiro.

Na sociedade é notável que cada indivíduo possui uma visão de mundo única, que são relacionadas à educação, valores éticos e morais, psicológicos, sociais, raciais e diversas outras crenças que podem sofrer influências diretas por fatores socioculturais, pois são pessoas que apesar de fazerem parte de um grupo intergeracional estão em estágios vitais distintos, dessa maneira perspectivas distintas em determinados contextos.

Portanto, esta pesquisa, em sua relevância social, contribuirá na dinâmica dos grupos intergeracionais, conduzindo interações de reciprocidade e respeito nas trocas de conhecimentos e ideias com as particularidades intergeracionais, fortalecendo os laços familiares e sociais, prioritariamente entre adolescentes e velhos, para melhor compreensão de aspectos biopsicossociais relacionados a intergeracionalidade, ampliando o conhecimento da sociedade em geral.

Viabiliza, também, maior sensibilidade aos direitos de cada membro no meio de uma descendência, e que esse direito de dar voz às diversidades possam desenraizar as percepções de conservadorismo e melhorar as vivências, desempenhando os papéis individuais e minimizando os estigmas sociais presentes.

A relevância profissional se constitui a partir da compreensão da totalidade do sujeito e a vivência intergeracional em função da estruturação familiar, devendo este ser entendido pelos profissionais e psicólogas/psicólogos em formação, uma vez que os diferentes estágios vitais precisam ser ouvidos, respeitados e contextualizados em suas ideias e pensamentos para que sejam feitas trocas empáticas e desconstruídas e reconstruídas opiniões através do conhecimento.

Todavia, o aprender e compreender esta temática impulsiona novos conhecimentos e amplia para além do exposto na sala de aula e discussões abordadas segundo alguns temas, logo vivenciadas diariamente as diversas implicações que sucedem na interação das gerações e que influenciam para o tornar-se sujeito no mundo, em suas relações interpessoais e comunitárias.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste presente estudo, foram realizados paralelos teóricos que apresentam tópicos norteadores para fundamentação das investigações traçadas ao longo da pesquisa, de modo que as divisões de cada capítulo visam apresentar a história breve das gerações e a importância de investigação acerca dos fatores biopsicossociais e a interrelação, a seguir a relação que implicam na óptica do desenvolvimento desta monografia.

Portanto, o capítulo 2.1, Desenvolvimento Biopsicossocial na Adolescência, discute o adolescente em conflitos para a construção da identidade e os desafios enfrentados nesse ciclo, baseando-se no quinto estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1930) denominado de *identidade versus confusão*.

O capítulo 2.2 visa o Desenvolvimento Biopsicossocial na Velhice, considerando o último estágio de Erikson (1971) classificado de *integridade do ego versus desespero* e os processos do envelhecimento frente ao sentimento de finitude e a importância do Combio Social para o velho.

O capítulo 2.3 contextualiza a Interrelação nos Grupos Intergeracionais, assim levantando a importância dos grupos intergeracionais para o contato de cada membro fora do contexto familiar, as influências e próprias linhas de pensamentos que permeiam em um delinear para seguimentos de todos os membros do grupo. Dessa forma, o capítulo explica sucintamente sobre as gerações, e as relações formadas e consolidadas.

Já o capítulo 2.3.1 traz a Interrelação Entre Velhice e Adolescência no Desenvolvimento Biopsicossocial, enfatizando os panoramas entre ambas as gerações e seus benefícios tanto para o adolescente quanto para o velho.

Por fim, o 2.4 estabelece os paralelos de preconceitos e estereótipos, no qual apresentam os sofridos pelo velho e adolescente, mas em um ciclo ambíguo, ou seja, as percepções do velho para o adolescente e as percepções do adolescente voltadas ao velho. Diante disso, a discussão será relacionada aos seguintes tópicos: adultismo na intergeracionalidade, identidade de gênero em ênfase para o velho e adolescente, sexualidade e os conflitos na intergeracionalidade, e por último a religiosidade na intergeracionalidade.

### 2.1 Desenvolvimento Biopsicossocial Na Adolescência

A adolescência é um ciclo que envolve diversos estereótipos de uma fase conturbada e complexa, traçada pela busca da construção de identidade e de como é explorado pelo indivíduo o processo lento e contínuo entre o perceber-se e perceber que o outro entende tal evolução, que agrega princípios e valores, crenças e metas presentes e futuras. (VERÍSSIMO, 2002).

Este capítulo baseia-se teoricamente, no quinto estágio do desenvolvimento psicossocial de Erikson, intitulado de *identidade versus confusão*, considerando que o adolescente possui um senso de papéis de identidade sexual e ocupacional respectivamente madura, compreendendo favoravelmente sua singularidade na sociedade, podendo expressar os devidos papéis de identidade ensaiados, no entanto meramente quando legitimados pela sociedade (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011).

Então, quando não legitimados os papéis em sociedade não são apresentados, isso pode ocorrer em detrimento das percepções de representação do envelhecimento na sociedade, se o velho é estereotipado positivamente por uma pessoa que agrega sabedoria e experiência o mesmo pode ser legitimado, mas se negativamente de modo a ser visto como incapaz devido à idade, pode ser invalidade em seus papéis e direitos, a exemplo do trabalho (TORRES, 2015).

Deste modo, as representações sociais são produzidas pela interação e comunicação dentro de grupos sociais e refletem o status dos indivíduos em termos de questões que são o objeto de suas vidas diárias, partindo do conhecimento prático. Segundo Veloz et al (1999), se o envelhecimento dos velhos e a representação social da velhice se apoiam principalmente no conceito de declínio, isso não terá apenas um impacto negativo no seu comportamento neste processo, mas também para os que ainda não envelheceram.

Portanto, o quinto estágio do desenvolvimento psicossocial é compreendido pela busca da escolha laboral, pelos valores que deseja adotar e dar seguimento para viver, e a construção de uma identidade sexual que convenientemente lhe satisfaça. O adolescente pode estar passando por esta crise com autocontrole e contentamento, logo os que conseguem irão desenvolver virtudes como a fidelidade, lealdade, crenças ou sentimentos de pertencimento (PAPALIA; FELDMAN, 2006).

Segundo Erikson (1930), dificilmente a crise de identidade *versus* confusão de identidade será resolvida plenamente na adolescência, podendo surgir muitas questões voltadas à identidade no percurso da longevidade, uma vez que o chegar à idade de uma pessoa adulta sequer trará um senso de compreensão e autorrealização dos papéis experienciados em meio a sociedade, de modo que esses papéis por muitas vezes, serão negligenciados socialmente (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011).

A crise de identidade na adolescência pode surgir devido às escolhas de comprometimento ou compromisso, sendo que o comprometimento inclui meios pessoais que são expostos pelo indivíduo, já o compromisso é entendido por maior valorização e preocupação, aprofundando em sentimento de identidade respectiva. Quanto mais ressignificado é o dinamismo do desdobramento da identidade, mais valorizadas serão as

limitações e habilidades, porém quanto menos desenvolvida a identidade mais o adolescente irá em busca de opiniões e avaliações de terceiros, compreendendo menos os fatores interpessoais (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2003).

A partir disso, a busca em desenvolver uma identidade e ser aceito por seus anseios pessoais, sexuais e ocupacionais, onde conforme seu desdobramento variável surgirão para demandar mais responsabilidades em lidar com tais conflitos, sucedem também as preocupações de autoconceito, que o adolescente se envolve na autoimagem, conforme as percepções sociais e os conceitos de ser e agir no mundo. Esta fase vital engloba a busca por compromissos, contanto que possam ser fiéis a eles, integrando-os em relações interpessoais ou familiares, em que possam encontrar e identificar conjuntos de valores, ideologias e opiniões políticas (PAPALIA; FELDMAN, 2006).

As perspectivas de adolescência transcorrem ademais da puberdade, que incluem mudanças físicas e ebulições hormonais, mas também deve considerar os fatores de alterações psíquicas, integrando assim um estágio marcado por crises de identidade em que é trançada a busca do “*eu*” pela percepção evidente do outro, alinhando as semelhanças e valores intrapessoais e interpessoais, este estágio pode causar ansiedade, passividade ou revolta, conflitos de convivência, convicções e valores (RABELLO; PASSOS, 2008).

Desta forma, quando as distinções do outro não ameaçam a singularidade, princípios e valores, este pode manter relacionamentos diversos e sem que altere ou gere conflitos de identidade, com potencial de isentar inseguranças e manter o “*eu*”, permitindo-se as continuidades subjetivas junto dos objetivos para a vida adulta. A partir disso, o processo de reflexão e observação sucede na maioria das vezes conscientemente, distinguindo a complexidade das comparações e julgamentos do grupo, após questionando a forma de como está sendo julgado pelo grupo que faz parte, considerando significativamente apenas o conveniente para si (SUÁREZ, 2005).

Desse modo, é posicionado por Erikson (1930) diante da construção de identidade quatro categorias, a primeira é conhecida por Execução, considerando o adolescente pela busca por metas ideais e ocupacionais definidas por terceiros (pais, responsáveis legais, dentre outros). Estes adolescentes não vivenciam a crise de identidade, logo que dentre o estado primário no processo de construção da identidade adulta, tornando-se um adolescente impedido, de modo que o mesmo se identifica exclusivamente com os modelos parentais (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2003).

O estado de Moratória é entendido pela fase inicial da crise, devido ao adolescente encontrar-se ambíguo em comprometimento e compromisso no papel que deseja exercer na

sociedade. Adiado seu engajamento, optando por experienciar ideologias e meios alternativos, até decidir o que será feito, mesmo passando pela crise de identidade, opta em proteger suas escolhas futuras (DE OLIVEIRA, 2005).

O terceiro estado é de Construção de identidade, entende-se por ser uma fase de estabelecimento de perspectivas universais que viabilizam sua existência, perseguindo metas profissionais e princípios. Fomentando parâmetros de como comportar-se em ambientes laborais, visões empreendedoras para a vida adulta, e assimilando quem é e como os outros julgam sua existência no mundo. Neste estado o adolescente passa pela crise e chega ao comprometimento (SUÁREZ, 2005).

Por fim, o estado de Difusão de identidade, é compreendida por não possuir um extremo estabelecido e constante desinteresse voltado a ideias e projetos, posto que o adolescente não está em meio a uma crise, mas não impede que tenha vivenciado no passado uma crise, mesmo que não obtenha comprometimento com tal experiência (AZNAR-FARIAS; SCHOEN-FERREIRA, 2007).

Portanto, nessa confusão de papéis de suma relevância para construir a identidade, os pais surgem como figuras fundamentais durante os ciclos vitais dos adolescentes, mas os pais podem não ser identificados como pessoas que confiáveis e leais para auxiliar nos processos lentos de crise de identidade, então os adolescentes rejeitam a participação, orientações e direcionamentos para resoluções de conflitos em suas particularidades (SUÁREZ, 2005).

Em virtude de buscar por inserção em grupos informais para fidelizar-se, a tendência do adolescente é agrupar-se, para que possa desenvolver os papéis com menos julgamentos, e que proporcione satisfação validando suas ideologias e valores, constituindo as sensações de pertencimento, nisso passam a fidelizar estas relações inserindo-os para participar ativamente aos momentos de existência (PESSOA et al, 2018).

Os grupos geralmente são constituídos por crenças em comum, preferências políticas, estéticas, escolha esportiva, culturais, entre outros. Por intervenção do agrupar-se, este indivíduo em meio a socialização, cria e compreende o uso das possibilidades para encontrar a identidade ou auxílio ao passar por confusões de papéis, experimentando vivências que certifiquem suas escolhas (BUENO; STRELHOW, 2010).

Enquanto alguns adolescentes sofrem com a crise de identidade, outros não passam pelo mesmo, ou seja, não foram atingidos pelos diversos questionamentos e indecisões na busca pela construção do “*eu*” e aonde quer chegar. Devido ao adolescente optar por viver apenas o momento, importando e se comportando apenas nas circunstâncias do que lhe é proporcionado,

outros que não possuem as noções de valores optam por manter -se introspectivo em grupos sociais (RAPPAPORT, 2003).

Sendo assim, o caminho percorrido pelo adolescente até a vida adulta não é dos mais simples, uma vez que são influenciados pelos pensamentos e ações do meio que está inserido, o envelhecer em sua percepção são incontáveis memórias e conhecimentos adquiridos referentes ao longo tempo, mas também com muitas dificuldades e sofrimentos pela sensação de proximidade ao óbito, finalizando a vida. A representatividade do velho é uma etapa que merece cuidados específicos, respeito e valorização (PEREIRA; DE FREITAS; DE ASSUNÇÃO FERREIRA, 2014).

Compreende-se que os adolescentes, em suas respectivas histórias de construção de identidade no meio que está inserido desde o início da vida, podem integrar-se em períodos com muitas complexidades e frustrações, mas em outros que podem demandar resoluções que serão alcançadas com êxito.

Desse modo, em detrimento ao meio e suas vivências, as representatividades e subjetividades podem ser interpretadas em seus pontos positivos e negativos, demasiado assim uma aceitação ou rejeição que resultará na construção da identidade.

## **2.2 Desenvolvimento Biopsicossocial na Velhice**

O envelhecimento não é unitário e não ocorre de forma simultânea, mas envolve uma diversidade de fatores integrados, o envelhecer ocorre biologicamente e psiquicamente, tendo seus efeitos positivos ou negativos, dependendo da história e dimensões do indivíduo, traz consigo também mudanças fisiológicas, psicológicas, psicossociais, econômicas, políticas, entre outras, tratando-se de um processo natural e individual (PALÁCIOS, 2004; DEZAN, 2015).

A temática do envelhecimento apresentava-se restrita quanto a pesquisas e estudos, devido ser considerado por muitos algo desagradável, ainda é possível notar os tabus relacionados à velhice, associando a mesma com o fim da vida ou a doenças, mas cada organismo carrega dentro de si o “envelhecer” desde o princípio, este apenas se mostra com o passar da longevidade. Com o passar dos dias, a velhice vem se mostrando também com as mudanças físicas (BEAUVOIR, 2018).

Deste modo, cada velhice é composta por características singulares, podendo envolver ganhos ou perdas somatórias, mentais e substâncias, nisso o envelhecimento não deve ser visto apenas como o fim da realidade. As crises de identidade podem ser retomadas nesse estágio de maturidade, considerando que a individualidade está sempre se desenvolvendo e o

surgimento de tais pode ser devido à falta de resolução quando surgiu inicialmente (LIMA, 2011).

Portanto, a integridade do *ego* origina-se pela diversidade entre crises a serem resolvidas, sobretudo propiciam fortalecimento a plenitude de manter equilíbrio individual com o “desespero” de proximidade a finitude, tendo como virtude a sabedoria, neste ciclo o velho pode obter a assimilação das vivências durante a vida sem que haja desespero, consciente dos êxitos e desenganos. Assim como denominado pelo autor Erikson (1971) o último estágio do desenvolvimento psicossocial se dá aproximadamente entre os 60 anos até a finitude, este é conceituado pela *integridade do ego versus desespero*, o qual pode ser marcado subjetivamente por tempo de plenitude ou desespero (RALHA-SIMÕES; RALHA-SIMÕES, 2015).

Desta forma, se o velho traz consigo a percepção de dever cumprido, mediante aos feitos em seu ciclo vital, ciente de suas vitórias e conquistas, está com o sentimento Integridade do *ego*, aceitando assim seu passado, mesmo que não tenha acertado em todas as escolhas feita, por algo que não apresentava alternativas, mas é aceita mesmo assim, sem gerar angústias e aflições (LIMA, 2011; DE AZEVEDO, 2018).

Segundo Erikson (1902-1994), os aspectos referentes a frustrações e arrependimentos do que fez é entendida pela vivência do Desespero no processo do envelhecimento, sendo explícito seu descontentamento. O desespero é resultado das frustrações por não conseguir atingir a plenitude da Integridade do *ego*, desenvolvendo a angústia de insuficiência da conjuntura para que percorra alternativas em busca da integridade, tornando-se entediado e descontente com as relações e realidades (SILVA; FINOCCHIO, 2011).

O velho traz consigo a perspicácia de sabedoria, por ter em seu ciclo vital as virtudes de “expectativas”, “otimistas”, “desígnios”, “méritos”, “autenticidade”, “afetos” e “compaixão”, podendo desenvolver a percepção de praticar e passar ensinamentos para as pessoas próximas ou comunidade. A partir desses ensinamentos o velho passa a se envolver mais com os familiares, amigos e meios sociais, preocupando-se futuramente com as configurações advindas. A sapiência alcança a harmonia, envolvendo a capacidade aceitar as perdas e aquisições do passado, mantendo o autocontrole entre a desesperança e a exatidão do “eu”, buscando a melhor forma de se viver (LIMA; COELHO, 2011).

O velho não está em um estágio da vida onde é cercado apenas por vulnerabilidades, que impossibilitam de viver em sociedade, o mesmo é capaz de aproveitar as potencialidades educativas, religiosas, ter oportunidade de trabalhar e tem seus meios de recursos. O envelhecer não é e nem deve ser visto como motivo para menosprezar e invalidar um indivíduo ao seu

direito de viver com segurança e dignidade, a partir das representações sociais da velhice na sociedade (AGICH, 2008).

O comboio social é uma teoria introduzida por Kahn e Antonucci em 1980, esta enfatiza que os contatos sociais são de grande significado para promover saúde e bem-estar para o velho. Utilizando de métodos interativos, considerando que a longevidade também se dá pelo contato direto com as pessoas que possuem mais intimidade, estes podem ser cônjuges, familiares ou amigos (FREITAS et al, 2006).

As pessoas que fazem parte do comboio social, acompanham e lhe fornecem amparo ao longo da vida, acolhendo, validando seus valores e proporcionando vivências diárias. Adicionado o sentimento de pertencer, visto que muitas das atividades antes exercidas foram reduzidas ou finalizadas (CACHIONI; BATISTONI, 2012).

O envelhecimento em sua trajetória pode contemplar a espiritualidade como um recurso de auxílio em diversas situações, a espiritualidade é advinda da busca pelo sentido para a vida em sua finitude. O velho, em seu processo natural de ciclo vital, pode agregar em si a espiritualidade para causas que viabilizem o bem coletivo, a busca pelo “sagrado” pode torná-lo resiliente em seus processos de subjetividade (GUTZ; CAMARGO, 2013).

Em vista disso, a longevidade envolve desenvolvimento e adaptações constantes ao meio inserido, no qual o velho está em busca por integração em grupos que possam acolher e lhe proporcionar triunfos, meios que enfatizam e evidenciam as potencialidades suficientes para manejos bem sucedidos em ganhos e perdas nas condições biopsicossociais que são experimentadas no percurso da vida, este enfrentamento pode ocasionar sofrimento em detrimentos das situações que serão emergidas, mas com auxílio de uma rede de apoio pode o velho não ficar desassistido (NERI, 2006).

A longevidade humana impõe diversos desafios para a configuração social e familiar, o processo de envelhecimento nem sempre é bem aceito pela geração adolescência, devido aos diversos rótulos que cerca este ciclo, porém nem sempre é compreendida como aspectos negativos, podendo também ser vista em concepções de conhecimento e sabedoria, um ciclo de realizações. Deste modo, as diversas visões voltadas para o envelhecimento podem ser de acordo com o meio em que o adolescente está inserido, e se faz parte do comboio social de alguém, ou seja, convivência com pessoas mais velhas, e características sociodemográficas (DOS ANJOS et al., 2019).

Na sociedade contemporânea os adolescentes distanciam-se dos velhos, para isso surge a necessidade de buscar a reconciliação destes laços entre essas duas gerações, podendo unificar a sabedoria e experiência dos velhos com as vivências e conhecimentos de vida moderna dos

adolescentes. Portanto, a geração atual pode também transmitir conhecimento para os velhos (GVOZD; DELLAROZA, 2012).

Entende-se que o período do envelhecimento é responsável por acompanhar o indivíduo desde o início da vida até a morte, e a velhice por estar interrelacionada nesse processo por meio dos grupos intergeracionais, em que o sujeito passa por mudanças biopsicossociais, podendo ser um período de desespero ou plenitude, dependendo da história de vida de cada indivíduo.

Para isto, o apoio familiar e social é fundamental nos processos de saúde mental do velho, favorecendo o bem estar e saúde nas suas dimensões sistematizadas de forma saudável. Desta forma esses aspectos citados podem estar presentes na interrelação dos grupos intergeracionais, que serão discutidas posteriormente.

### **2.3 Interrelação nos Grupos Intergeracionais**

Os grupos caracterizam-se por conglomerados de pessoas que compartilham de espaços e interesses semelhantes, existindo particularidades que estimulam sua estrutura, os quais podem auxiliar na aculturação e identidade subjetiva para viver em companhia de outras pessoas, girando em torno das interações que são apresentadas pelos sujeitos que constitui o grupo (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997).

A partir disso, o agrupamento é integrado mediante afinidades sociais, econômicas, culturais, dentre outras, que se encontram em unidade e entram em conformidade por meio do comportar-se, desenvolvendo suas próprias defesas e estratégias, tendo potencial para respeitar os papéis que irão ser desenvolvidos.

Segundo Monteiro (1997), os grupos possuem suas próprias linhas de pensamentos, desenvolvendo possíveis estratégias de amparo aos integrantes, as motivações são voltadas e ressignificadas por contratempos inesperados. Nisso, cada comunidade tende a ser uma rede de apoio aos que encontram descontentamento em situações que geram frustrações, e esse apoio torna-se fundamental para auxiliar no reconhecimento das possibilidades, obtendo motivação com a ajuda encontrada entre os membros grupais.

O tornar-se sujeito no mundo é dado pelas relações formadas e constituídas em coletividade, no qual podem ser pessoais ou interpessoais, prevalecendo neste meio e modificando o que agregou significativamente em funções para a personalidade, isso implica na construção para a identidade, assimilando crenças e valores com os quais entra em processo de confirmação no grupo em concordância ou discordância feitas pelos integrantes (ZANELLA; PEREIRA, 2001).

Motta e Weller (2010) destacam a formação dos grupos para além das relações interpessoais, mas ressalta que também são pessoais, e podem ser desenvolvidas por idades em sentido genealógico ou de filiações próximas, marcadas por eventos que proporcionam as mesmas ideologias, classe social, religião, dentre outros aspectos que possam ser vivenciados na coletividade com os demais grupos intergeracionais.

As definições de gerações ainda são muito estigmatizadas e utilizadas conforme o campo de investigação, pressupondo muitos significados. Portanto, Motta e Weller (2010) apontam as gerações e grupos intergeracionais não apenas entre sujeitos que compartilham grau de parentesco, mas também envolve pessoas que vivem em uma mesma época e fazem parte de acontecimentos e experienciam juntos àquele ocorrido, estruturando os conceitos e crenças a partir disso, criando uma identidade a partir das influências sociais, políticas e ideológica.

Entende-se por gerações também, a relação com idade biológica e genealógica, ou seja, seguimento entre avós, pais, filhos, netos, bisnetos, e assim adiante. Nisso, dois períodos distintos encontram-se ao longo da vida, sincronizando a experiência histórica, os autores ressaltam o tempo biográfico e o histórico que se distanciam e modificam uma geração social (BORTOLAZZO, 2016).

Em vista disso, os grupos intergeracionais são formados respeitando os valores e diferentes estilos de vida, contribuindo em trocas de experiências e conhecimentos no encontro atemporal, em diferentes estágios etários, estas relações devem respeitar os limites e possibilidades para que seja feito o contato para troca de saberes e experiências, no recuperar de lembranças e compartilhamento de conhecimentos (LIMA, 2007).

As características que potencializam as formações coletivas incluem não só vínculos entre familiares, mas compreendem os vínculos formados entre benevolentes e de afeto, estes influenciam no modo de comportar-se (PEREIRA; REIS, 2016). Com base nisso, a dinâmica grupal influencia na interrelação entre as gerações, seja entre adolescentes ou velhos, originando-se entre os diversos meios de comunicação que possibilitam e corroboram para relações interpessoais e pessoais entre os indivíduos do grupamento, desenvolvendo elo entre si (FERNANDES, 2003).

Os grupos intergeracionais possuem grande ênfase na vida dos adolescentes para conhecer as gerações e suas identidades biológicas e genealógicas, transpassando o processo dialético com situações que transmitem a realidade. Visto que podem melhorar a sociabilidade e comunicação quando possui um olhar empático e sensível em detrimento do permitir-se em conhecer a história de vida do outro, nessa relação de trocas de experiências com reciprocidade, aproximando as gerações e formando vínculos parentais (FRANÇA et al., 2010).

O bom convívio e o apoio recebido na intergeração, proporciona ao velho condições de saúde e bem-estar relevantes e com grande significado, estabelecendo narrativas de superação e enfrentamento frente a comodidades, com a assistência das pessoas o velho assegura-se de sofrer por falta de companheirismo, ansiedade, depressão, dentre outras (FRANÇA et al., 2010).

O relacionamento vivenciado em circunstâncias negativas, de modo que não oferece apoio ao velho e adolescente, pode emergir em diversos conflitos contínuos e poucas resoluções, mas a boa relação e diálogos, os quais os velhos e adolescentes aprendem juntos, torna-se positivo e de grande potencial para a saúde e bem-estar (JIMENEZ, 2016).

A importância dos grupos intergeracionais para o velho, em questão é que possa diante das interações beneficiar-se de mais conhecimentos e ampliar o convívio em sociedade, a troca de saberes pode ser relativa às vivências e trocas de experiências, mas também são pelo simples fato de processos que gerem reflexões (GIL; LOPES, 2014).

### **2.3.1 Interrelação Entre Velhice e Adolescência no Desenvolvimento Biopsicossocial**

As percepções subjetivas do adolescente voltadas ao processo do envelhecimento podem ser fragmentadas a partir do contato para partilhar os conhecimentos, pois a partir disso é formada a identidade do grupo intergeracional, oferecendo o seguimento da genealogia, nos sentidos biopsicossociais (LISBOA; FÉRES-CARNEIRO; JABLONSKI, 2007).

No contexto familiar surgem os papéis que ao longo irão se desenvolver, estes apresentam-se em idades e visões distintas, e para o velho, a interrelação com o adolescente pode favorecer a comorbidade, saúde e satisfação com seus processos de interação social (DE OLIVEIRA LOPES; CACHIONI, 2013). No entanto, esta proximidade também reforça as habilidades, amenizando os prejulgamentos de incapacidade por conta da idade ou do processo de envelhecimento.

Portanto, integrar o velho na interrelação com adolescentes desenvolvem novos meios de comunicação e trocas, sem preceitos voltados à idade cronológica, existindo percepções ambíguas entre as duas gerações, mas que podem favorecer mudanças e novas linhas de pensamentos acerca das gerações. De acordo com Rabelo e Neri (2013), isso ocorre no partilhar de conhecimentos, permitindo-se ir além do que é ouvido por terceiros, mesmo o velho ou o adolescente apresentando sistemas e filosofias distintas, ou seja, nas relações interpessoais, podem ser vistos como apoio para ambos, agregando mudanças para permanência ou transformação de concepção.

Azeredo e Afonso (2016) indicam que incluir o velho em espaços que são postos como limitados pela idade, colaboram na desagregação de sentir-se sozinho e frustrado, desse modo

o velho passa a ter uma velhice positiva. Aprimorando a desconstrução de angústias com o futuro, em pensamentos ansiosos para a sensação de finitude e que não dará tempo de realizar todos os anseios planejados.

Contudo, ambos os ciclos de adolescência e velhice, aproximam-se grupalmente a partir dos acolhimentos que é oferecido entre as duas partes, a compreensão que é disponibilizada em momentos de frustrações e apoio para motivar conquistas planejadas. Para o autor Wagner (2002), os adolescentes carecem de passar por transições, ou seja, mudanças de um espaço para o outro, e permissão para isso sem que seja questionado negativamente suas capacidades para lidar ou se comportar nas relações sociais.

Todavia é encontrado entre as gerações adolescência e velhice o enfraquecimento de laços quando não há troca de vivências, ressaltando que muitos adolescentes não possuem em seu sistema familiar um velho, desse modo sem vivências próximas. Mas, quando fortalecidos, oferecem desempenho e diminuem os fragmentos das percepções acerca das capacidades por conta da idade (FALCÃO, 2005).

Para o adolescente a proximidade com os velhos quebra os estigmas criados de ser um processo doloroso, com enfermidades e incapacidades físicas e cognitivas. Na troca de experiências, entre uma etapa que o velho já passou, e outra que o adolescente ainda irá chegar, impulsiona ampliação e discernimento na interrelação (MASSI, 2016).

Para Carneiro (2012), muitos adolescentes não possuem a figura do velho em meio a família, então esses papéis perpassam poucas influências por ter ou não o contato, mas para alguns adolescentes o crescimento é com participação ativa da figura do velho como guardião da família ou quem próprio é responsável pela criação deste adolescente, ou seja, o sustento familiar pode ser proveniente dos avós, bem como os modelos de educação e implementação de princípios e valores.

Para Aersa (2004), o envelhecimento segundo a adolescência em outro panorama, é um estágio que o velho já não produz tanto para a sociedade e torna-se menos importante, apontam que se inicia a exclusão do meio social, pelos diversos preconceitos e estereótipos de restrições motoras e cognitivas que podem surgir nesse ciclo. Por sua vez, o velho em outras ocasiões não aceita este processo, que desvaloriza seu papel e sua história de vida na sociedade.

Assim, como apresentado por Magnabosco-Martins e Vizeu-Camargo (2009), é importante que o velho considere a subjetividade de outras pessoas, incluindo os adolescentes. Portanto, mesmo que o velho seja visto com um olhar mais sensível e que merece cuidados especiais para que seja aceito e sinta-se valorizado, este implicará também a aceitação das

experiências vividas por pessoas em idades distintas, confirmando e validando a vivência individual, podendo ser enriquecedor para ambas as gerações tal validação.

O adaptar o meio para comportar melhorias em condições de saúde físicas e psicológicas para velho no Brasil é ainda negligenciada, de modo que este é visto como a pessoa que passou por todo o percurso vital e agora está retrocedendo aos comportamentos presentes na infância, ou seja, dependente. O velho sofre com as mudanças contemporâneas, e são poucos os que dispõem de ampliar suas ideologias para a atualidade, mas em outros contextos são minorias os adolescentes que apresentam iniciativas para diálogos voltados às mudanças atuais (WHITAKER, 2010).

Este alinhamento, impõe toda a sabedoria dividida pelo transcorrer vital, a vista disso, a conjunção deste conhecimento em comunhão com os conhecimentos de atualidade do adolescente, pode beneficiar a ampliação para novos meios de aprendizagem, nas duas gerações. Gvozd e Dellaroza (2012) apontam a interrelação a não se limita apenas nas junções entre familiares, mas que carecem de ampliação sistemática nos relacionamentos, propiciando trocas de entendimentos acerca das vivências.

O compartilhamento entre gerações é fundamental para o desenvolvimento e ampliação acerca das construções históricas e da atualidade. Ou seja, compreender as ideias e discernimento de cada grupo em épocas distintas (DOS SANTOS TARALLO et al, 2017). O alinhamento de conhecimentos é validado para aproximações que respeitam as gerações, diminuindo os preconceitos e estereótipos por idades inexperientes e/ou ultrapassadas.

As relações entre esses grupos são possíveis, de modo que seja sensibilizado o entendimento para o adolescente, havendo trocas mútuas. Os adolescentes ressaltam as percepções dos velhos e o tratamento ofertado, diminuído através em expressões que ele ainda não entende o que está ocorrendo, sem noções dos problemas por falta de experiência, ponderando o direcionamento de atividades que demandam responsabilidades, isentando as mesmas (COELHO, 2013).

Entretanto, o velho cresce numerosamente em meio a sociedade, e junto ao crescimento perpassam as discriminações sociais, estes empecilhos surgem pelos mitos de oposições aos adolescentes, desfavorecem a inexperiência destes (DE SOUSA, 2014). Diante disso, as crenças sobre o velho, em determinados contextos, subsidiam discriminação e desconhecimento, a generalização que contorna o mesmo e rotula a imagem de ranzinza e pouco comunicativo para diálogos.

Dessa forma, os velhos não são apenas pessoas que fazem parte da educação dos adolescentes no grupo familiar, mas estes desempenham um importante papel no

desdobramento acerca de educação e valores, intervindo e interagindo em meio a essa configuração. A proximidade entre o velho e o adolescente, constrói e desconstrói estigmas que são estereotipados e resultantes em preconceitos conservadores (SILVA; MEDINA, 2018).

Infere-se que os ganhos plausíveis de uma interrelação nas gerações velhice e adolescência se dá por meio do processo de acolhimento e respeito a forma livre de pensamentos, compreendendo os períodos distintos do ciclo vital. O compartilhamento de experiências e a presença de diálogos podem promover redução em estereótipos e preconceitos acerca do adultismo, identidade de gênero, sexualidade, e religiosidade no meio intergeracional.

#### **2.4 Estereótipos e Preconceitos Entre Velhice e Adolescência**

Os estereótipos são crenças atribuídas às características presentes em determinadas gerações, estas são relacionadas a meios que justificam os comportamentos de outras pessoas, as ações e reações por pertencer a determinado grupo ou cultura, podendo reduzir e excluir socialmente a partir de características visíveis (SANTORO, 2014).

Segundo Borges (2006), entende-se por preconceito a formação de ideias sem que possa ser explorado o conhecimento acerca de qual for o assunto em questão, sem reflexão diante do julgamento, configurando em opiniões sem contexto para mudanças, a busca pela informação pode auxiliar para permanência ou ampliação do conhecimento.

Portanto, os estereótipos trazem consigo uma carga emotiva e com afetos adaptativos e funcionais, com isso as opiniões são fomentadas de acordo com os julgamentos entre o grupo, pertinentes em maior consenso que estigmatizam o outro, este necessariamente não precisa ser apenas partilhado socialmente, mas pode ser individual entre os integrantes pertencentes aos grupos, sem análise do contexto sistematicamente, visto que as características estereotipadas podem ser generalizadas (GUERRA, 2002).

O preconceito distingue-se de estereótipos no que diz respeito à solidificação, pois as ações estereotipadas em sua diversidade de situações ou comportamentos podem ser rígidas ou não, e classificam racionalmente as ações no meio social pelo pertencimento cultural, desta forma o preconceito é absoluto e constituir-se como determinante as ideologias que podem ser modificadas e passam a ter proporções negativas que limitam as relações de forma saudável no meio social entre as gerações (FLEURI, 2006).

Assim, geram hostilidades negativas, desprezando e insultando verbalmente o outro, as agressões podem ir para além do verbal e ocasionar em agressividade física. Mas, para além dos aspectos negativos, os estereótipos e preconceitos são compreendidos positivamente, logo

que podem se sobressair para ampliar e entender as visões de mundo e culturas geracionais (NUNAN, 2017).

Posto isto, os preconceitos e estereótipos manifestam-se no meio intergeracional de acordo com o modelo de crenças e ideologias seguidos pelo grupo, onde implicam as diferenças sociais ou fenótipos e fatores culturais, dependendo da estrutura pode haver flexibilidade para lidar com as diversidades. Desta forma, conforme Vencato (2015), os estereótipos e preconceitos resultam em situações solidificadas sem diálogos frente às questões subjetivas sobre gênero, sexualidade e família.

Dentre os estereótipos e preconceitos escolhidos neste capítulo, serão discutidos: adultismo na intergeracionalidade, identidade de gênero em ênfase para o velho e adolescente, sexualidade e os conflitos na intergeracionalidade, e por último a religiosidade na intergeracionalidade.

A inclusão das temáticas supracitadas, é direcionada ao entender que também ocorre dentro das relações analisadas neste estudo, fundamentadas em discussões teóricas a serem apresentadas em suas definições dentro dos grupos intergeracionais, visto que podem ser vivenciados em diversos contextos.

#### **2.4.1 Adultismo na Intergeracionalidade**

Conforme Castro (2018), o adultismo pode ser caracterizado pela intervenção de limitar o adolescente frente às ações no social e familiar, estes não recebem apoio para desempenhar papéis de compromissos, dentre outros que demandam responsabilidade, ou seja, o adultismo limita a comunicação do adolescente no meio intergeracional.

O adultismo não é visto de forma opressora pelo adulto responsável devido ser normalizado no dia a dia, este pode ser sistematizado na legislação e políticas públicas, repercutindo desfavoravelmente. A complexidade do adultismo gera atritos em sua compreensão, isto pelo fato do adulto ter um papel de suma importância na vida do adolescente, considerando a necessidade de uma atenção maior e merecido de afetos e proteção (BELL, 2003).

Desta maneira, muitos adolescentes sofrem com a falta de reconhecimento do velho para aquisição de contato com o mundo, desde manter relações interpessoais até a aquisição de um emprego, a interferência da figura do velho pode resultar na falta de flexibilização para as conquistas pessoais e profissionais na vida dos adolescentes (RODAS, 2017).

Para além dos contextos que envolvem interesses profissionais, ressalta-se o período do adolecer onde situações podem surgir inesperadamente, a exemplo de uma gravidez precoce,

os adultos responsáveis mesmo contra a vontade da adolescente grávida podem obrigá-la a tomar decisões para impedir a gestação, que muitas vezes terá de ser cumprida, alegando a falta de capacidade para cuidar a criança por pouca idade e inexperiência. Conforme Monteiro (2007), a presença de posicionamentos agressivos existe nas relações intergeracionais, e são entendidos por serem violências de estruturas e adultismo, retratando o poder exercido sobre a vida do adolescente limitando-o às tomadas de decisões.

Os modelos de poder do adulto sobre a vida de pessoas que carecem de cuidados e atenção maior podem ir para além de cuidados positivos, mas podem ser agressivos também e gerar danos e sofrimentos. De acordo com Gondim (2011), o velho sofre maus tratos dos responsáveis pelos seus cuidados, seja este pertencente à família ou não, privando o velho de acessos e direitos por caracterizá-lo incapaz de acompanhar as mudanças no mundo, responsabilizando-o por prejuízos devido à idade.

De acordo com Liebel (2015), o velho possui uma assistência maior no que tange discriminação a idade, assistido por políticas públicas a notoriedade das rejeições e falta de aceitação por estereótipos e preconceitos de incapacidade, porém o adolescente também sofre discriminação acerca da idade devido ser naturalizado a pouca experiência. Portanto, ao sujeito que não se encontra em idade adulta o processo de discriminação não é visto como um fator de opressão e limitação para as experiências diárias, seja em família ou comunidade.

Assim sendo, as articulações entre o velho e o adolescente coexistem e entram em paralelos nas pesquisas que abrangem maiores observações voltadas ao adultismo e seus impactos para ambos, mas possuem maior relevância ao velho, e os adolescentes padecem de moderações presentes devido à falta de experiência (PRATTA; SANTOS, 2007).

O adolescente busca referência no meio familiar, considerando que o velho é uma figura que representa sabedoria e experiência, alguns podem possuir dificuldade no relacionar-se, o adolescente considerando o velho como pouco inexperiente acerca da atualidade, e o velho com pensamentos de pouca idade do adolescente e muito ainda para aprender com o passar dos tempos (ROZEMBERG, 2014).

Ao contrário do adolescente que possui menos poder de voz em comparação à sua experiência com a vida e de ter que pertencer aos cuidados de um adulto, o velho negligencia seus direitos jurídicos quando necessário, de modo que as denúncias ajudam nesse índice, alguns velhos sofrem em silêncio e em alguns casos sob ameaças, então quando são feitas as denúncias e por parte de terceiros que presenciaram os maus cuidados (CHAVES; COSTA, 2005).

A complexidade das dinâmicas internacionais e a aceitação de papéis presentes e o desenvolver outros meios de pertencer a família, são estruturados ao longo da vida, podendo ser ou não flexíveis nas relações presentes. Deste modo, as figuras mais velhas possuem maior influência e representatividade diante de situação não habituais para com os adolescentes, estes podem ser rígidos nas mudanças, mas também podem ajudar e procurar entender melhor os fatos (RUSCHEL; CASTRO, 1998).

Dessa maneira, os estereótipos presentes na velhice indicam pouca compreensão para diálogos acerca de assuntos que estão ganhando maior proporção e luta para aceitação na atualidade. A comunicação é inviabilizada quando foge do modelo tradicional, nisso o autoritarismo voltado a identidade de gênero pode ser reproduzido no meio familiar, e a socialização presente é de acordo com os princípios da estrutura familiar, podendo oprimir os que não opinam a favor (NARVAZ; KOLLER, 2004).

Portanto, os modelos e estruturas estão voltados a cultura que é internalizada passando de geração em geração, com conceitos desde o nascimento que são apresentados e socializados de acordo com suas crenças descendentes, apresentando o modelo familiar sendo este estruturado ou desestruturado, que implica opiniões religiosas, política, identidade de gênero, dentre outros. Por conseguinte, será visto as proposições que tange às opiniões no que diz respeito a identidade de gênero na intergeracionalidade.

#### **2.4.2 Identidade de Gênero: Ênfase Para o Velho e Adolescente**

O gênero possui inúmeras definições no conhecimento popular, podendo ser definido por estes conforme as características biológicas em que a pessoa nasce, ou seja, as genitálias que fazem o papel de definição e que abrangem o masculino e feminino. Diante disso, a identidade de gênero não é caracterizada por identificação cisgênero<sup>2</sup>, mas este pode ser entendido pelo gênero em que a pessoa possui maior identificação, entrando ou não em concordâncias biológicas, podendo ser o que melhor lhe proporcionar afetos e sentimentos em suas plenitudes (DE JESUS, 2012).

Adiante, o gênero é compreendido por Butler (2003) na teoria *Queer*, pela estruturação coletiva, sendo posto o que é guiado ou não por sexo. Deste modo, o social também apresenta as distinções de homem e mulher, mas não há evidências do que seja naturalizado de

---

<sup>2</sup> Cisgênero (Cis) é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu "gênero de nascença". Em outras palavras: na pessoa cisgênero existe concordância entre a identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) e o gênero que lhe foi conferido ao nascer. Classificação presente na comunidade LGBTQIA+ (PISANI, 2021).

comportamentos distintos para ambos, ou seja, faz parte do aprendizado desde bebê até a velhice tais comportamentos (RODRIGUES, 2005).

O desenvolvimento do adolescente até a velhice é predominado por ambiguidades, considerando que o pertencimento que engloba conservadorismo e constantes manifestações de mudanças no processo do conhecer e passar pelas crises de identidade, inerentes que estes conflitos podem prevalecer até a velhice. Na adolescência iniciam-se os contatos que gerenciam os tabus presentes na identidade de gênero (DOMINGUES; DE ALVARENGA, 1997).

Ao nascer, a sociedade destina-se em logo especificar externamente a figura do sexo feminino e do masculino, tais influências derivam de vestes e as cores consideradas, colocação de brincos (NASCIMENTO; TRINDADE, 2010). Portanto, a criança passa a ter o que condiz com o biológico, desde a apresentação de brinquedos e até na comunicação e modelagem de comportamentos.

As constantes dúvidas que são geradas em adolescentes que entram em conflitos com sua identidade, de modo que os preconceitos estereotipados em crenças familiares são apresentados desde o nascimento e internalizados nos objetivos traçados e almejados ao longo da vida (CHILAND; DOUEK, 2014).

A família possui uma ênfase fundamental, mesmo que não seja para discutir sobre a aceitação e/ou permitir-se conhecer o que está sendo vivenciado pelo adolescente em busca de encontrar a identidade de gênero pode ser de suma importância de apoio ao momento que pode gerar sofrimento (NERY et al., 2015).

Na contemporaneidade as definições de gênero possuem algumas distinções, vistas como construções históricas, o que se aplica a desbiologização ao sexo do sujeito, permitindo assim a integração dele na geração que pertence e manter suas relações. Por isso, as discussões podem fundir o desequilíbrio nas dimensões familiares e gerenciar as intervenções para resolução dos conflitos (NEGREIROS, 2004).

As mudanças e a compreensão das adversidades são visíveis, e estas exigem um entendimento voltado às vivências de mundo de cada indivíduo em subjetividade. Tais compreensões são mostradas a partir do contexto biopsicossocial, considerando o afeto e desejo em interfaces individuais, deixando as ideologias passadas de doença ou anormal, e passando a ser entendido pelo modo de ser e existir do mundo (DA SILVA FERREIRA, 2018).

Ao adolescente que vivencia momentos de lutas diárias a conquista de ser e existir a sua maneira e o ganho de apoio para luta entre as comunidades, ressalta-se que a gerontologia compartilha de que a velhice ainda possui muitos estereótipos para discussões voltadas à

sexualidade, nota-se pelos contextos sociais e maior depreciação do velho ainda em conflitos com sua identidade de gênero (HENNING, 2017).

Diante disso, a sexualidade possui diferença em paralelo à identidade de gênero, de modo que a sexualidade é entendida pela opção de escolher o que melhor proporciona afeto sexual/emocional interno ou externo, a identidade de gênero pelo identificar-se no mundo, no que melhor desencadeia satisfação (GROSSI, 1998).

Desta maneira, a sexualidade é vista por diversas mudanças e entendida conforme apresentado ao meio que vivencia, na maioria dos casos é conceituada por atos sexuais pela linguagem popular, e mesmo o sexo sendo algo natural na humanidade ainda gera diversos tabus e mitos pela sociedade.

#### **2.4.3 Sexualidade e os Conflitos na Intergeracionalidade**

A sexualidade possui muitos significados, dificilmente encaixa-se em termos sólidos por todas as transformações e configurações ao passar dos dias, abrange tudo o que é subjetivo, particular e íntimo, não dependente apenas do biológico, mas também pelo que é vivenciado no cotidiano em diferentes ambientes, o compartilhar da sexualidade é indiscutível e único ao do sujeito (MENSAL, 2014).

As discussões que geram inquietudes e privam a sexualidade por meio de educação são ainda estereotipadas, restringindo-se ao tema que é pouco abordado em meio social ou particular (AQUINO, 1997). Para Bearzoti (1994), os conceitos de sexualidade sofrem diferenciações de acordo com cada ciência de estudo, para tanto o mesmo é reduzido a relações sexuais e procriação conforme o entendimento popular.

A sexualidade, segundo o autor Michel Foucault (1984), existe em vista das ligações entre as expressões sexuais e os contatos físicos, objetivando o prazer. Então, passa a ser uma definição do sujeito na modernidade, conseguinte do meio social para relacionar-se e entrar na vida sexual, tais comportamentos são orientados pelo grupo em que está inserido, seja familiar ou interpessoal, aceitando ou negando as condutas apresentadas.

A antropologia faz aquisição do contato social para que sejam criados meios e repertórios, por meio das vivências em comunidade e pertencimento ao grupo (HEILBORN, 2006). A sociedade apresenta os modelos que proporcionam ao adolescente relacionar-se, até o momento que surge a entrega e contato físico. Adiante, o adolescente possui sua sexualidade ativa, muitos em resumo prazer sexual, este sentimento pode ir se transformando durante envelhecimento.

Com isso, durante o processo de envelhecimento e a velhice, carrega consigo estigmas acerca de sua sexualidade, impedindo o velho estereotipadamente de ser e viver seu ciclo vital integral. Todos os preconceitos que surgem com a idade e a falta de apresentação para adaptar aos meios e dificuldades as alterações que podem surgir fisiologicamente (UCHÔA, 2016).

O velho passa a ser mais bem compreendido e sua amplitude para se ter uma qualidade de vida biopsicossocial, abordando sua sexualidade e das possibilidades existentes em manter-se ativo, logo pois, a sexualidade na velhice carrega e engloba o velho como um ser assexuado, incapacitando e diminuindo sua totalidade (ALENCAR, 2014). Ou seja, a repreensão das possibilidades da sexualidade na velhice invalida os sentimentos que vão além do prazer sexual.

A sexualidade é extinguida da velhice, discriminados e visionados a teorias reducionistas de atos por conta da longevidade. A gerontologia aponta que a sexualidade é essencial para chegar a um envelhecimento com base em contentamento e autoavaliações, entendida para além do ato sexual e sim as relações afetivas e convivências que resultem em bem-estar físico e psíquico (VIEIRA et al., 2012). Desta maneira, o velho apresenta-se em uma classe com rótulos ausentes, ainda na atualidade e que mesmo após estudos destinados a entender melhor o envelhecimento, as percepções de preconceitos são iminentes.

Ao envelhecer, o sujeito não recebe orientações sobre os fatores biológicos que podem sofrer alterações, que são relacionados a ereção nos homens e redução da lubrificação vaginal em mulheres, isto em ocorrências específicas é apresentado por conta dos efeitos adversos de remédios e fármacos químicos (GUERRA; CALDAS, 2010). Então o ideal é que estes indivíduos entrem em contato com informações acerca dos imprevistos com a idade, em paralelo com a adolescência que ainda também é estigmatizada pelas concepções de sexualidade.

Portanto, a adolescência e a velhice expressam a sexualidade de forma subjetiva, seja por gesticulações, comportamentos, dentre inúmeros fatores que surgem na interação com o individual e social, estas experiências são vivenciadas em maior parte do ciclo vital. Na adolescência a sexualidade pode se divergir a descobertas no processo de crise de identidade, aderindo ao que melhor lhe expressa contentamento afetivo e sexual (ROMANO PINTO et al., 2019).

As diversidades podem sofrer com as estruturas entre a prole, que implicam também na cultura onde estão inseridos os modelos tradicionalmente heterossexuais. Os conceitos e sentimentos podem seguir essas regras, expressando a designação aceitável diante da sociedade e do meio cultural, tal modo de estruturamento é imposto para ser dada continuidade, como preceito de honrar a geração (ALVES, 2009).

A sociedade estigmatiza a sexualidade e agrega consequências para aqueles que entram em distinção aos modelos heterossexuais, então no envelhecimento ainda é pouco visto discussões parentais que permeiam a aceitação e respeito aos sentimentos alheios. Proliferando inúmeros preconceitos e até agressões além do verbal, seja pessoal ou por meio de redes sociais (JUNQUEIRA, 2007).

A obtenção da independência contribui para o crescimento de suas práticas afetivas, evidenciando tais e compreendendo os modelos tradicionalmente agregados e ditos como continuo a seguir, mas as relações tendem a ser desprendidas de normas e os pensamentos contemplados que visam a seletividade subjetiva. Então, mesmo por falta de aparato que colabore para a autorregulação emocional, as gerações se delimitam as vivências sem cogitações, obtendo aprendizado a partir disso (CHAVES, 2016).

Segundo Bauman (1998), a luta para obter a autonomia em sociedade e viver os anseios isentos de discriminação é um dos maiores preceitos que o homem pode obter, de modo que esse seja o objetivo principal independente das ameaças previstas e imprevistas. A liberdade expressiva, mesmo que tão subjetiva, é uma busca constante para fazer o deslanche contente diante da civilização.

De acordo com Chaves (2010), desde o início da vida são apresentadas as circunstâncias em que o sujeito deve seguir, a exemplo da religiosidade, estudos, seguimento de profissões no meio familiar, por diante que podem influenciar no modo em que as expressões da sexualidade serão idealizadas, para os velhos e adolescentes.

Todavia, as perspectivas que englobam a sexualidade ainda reprendiam do início ao fim da vida é agravada ao passar dos anos, mesmo com tanto aparato tecnológico que está apresentando e dando voz aos que lutam pelos direitos de sentir e expressar de maneira subjetiva no coletivo, inferindo em proporções maiores em discussões e movimentos diante da comunidade.

#### **2.4.4 Religiosidade na Intergeracionalidade**

A religiosidade é compreendida por exercer uma prática fechada às ideias e conhecimentos fora da crença exercida, podendo se apresentar com menos flexibilização pelo ato de já estar ciente de todas as verdades espiritualmente, em concordância fazendo seus próprios julgamentos sem perdas maiores e busca de entendimento (NETO et al., 2003).

A religião é compreendida diante da congregação de um grupo que usa e pratica as mesmas crenças, cultuando “o divino” e a busca pelo “sagrado”. De tal modo que essa busca envolve sistematicamente todas as religiões, mesmo que a religião não apresente um

determinado Deus, ainda assim é presente a busca pelo "divino sagrado", já outras possuem as suas divindades exclusivas que cultuam em comunidade (DA SILVA, 2004).

As variáveis e crenças religiosas culturalmente são apresentadas desde o nascimento, as famílias praticam esse papel com o intuito de mostrar as distinções na busca pelo "acreditar em Deus" que é o certo a seguir, e distanciamento do que desrespeita a divindade. As gerações cobram das crianças o mesmo seguimento até a velhice da religião predominante daquela família (WEBER, 2006).

Durante a adolescência pode haver conflitos com a prole, devido às convergências em que o sujeito está em contato direto com o mundo e pode se beneficiar com suas próprias crenças, mas isso implica ainda ter que dar continuidade aos mesmos comportamentos habituais dos familiares, em geral dos pais ou avós. Em um dado momento a afirmação da identidade inerente ao segmento familiar se torna evidente e este adolescente passa a viver a subjetividade (NOVAES, 2004).

A religiosidade está presente em grande amplitude, o homem se adequa às crenças objetivando melhores experiências no mundo, enfatizando as práticas de bondades e abandonando os malefícios que podem causar ao outro. Alguns ambientes com casos específicos se adaptam a crença daquele indivíduo, a exemplo de pacientes em cuidados paliativos, em que os profissionais acatam as necessidades da fé dele. (PERES, 2007).

No entanto, a religiosidade agrega ao velho um sentido de vida, considerando o comboio social que inclui também as comunidades religiosas, sucede bem-estar e lazer, além de estar ativo socialmente nesses grupos, e sua prática pode colaborar na redução do descontentamento ao sentimento de finitude, visto que o apego à fé traz benefícios para minimizar as dores das comorbidades graves. (SOUSA, 2017).

Estudos de gerontologia ressaltam a religiosidade como principal fator para as avaliações de profissionais na área da saúde, atuais nos tópicos biopsicossociais, considerando seus efeitos para enfrentar as doenças e dificuldades em processos de recuperação de saúde, o apego à fé diante dos momentos difíceis (DE OLIVEIRA DUARTE, 2008).

Deste modo, a religiosidade perpassa conceitos de agregar muitos conhecimentos, os saberes ensinados e passados entre as gerações, de modo que as linhas de pensamentos seguem o mesmo roteiro ao longo da vida, e por intermédio de não atenuar tais linhas os indivíduos podem ser excluídos do grupo familiar, sofrendo com a opressão entre os membros (VELHO, 2010).

Para Kant (2018), o homem isenta-se do saber e libera espaço para sobressair a fé, em conceitos a religiosidade apresenta-se como algo muito flexível e perceptível de entendimento,

mas a religião em suma religiosidade é enrijecida de opiniões controversas a maneira de crenças constantes, ignorando a realidade e necessidade de evolução para adaptar as grandes mudanças advindas.

O velho pertencente a meios religiosos, demanda maior confiança com a vida, mas o adolescente que ainda está em diversos conflitos sendo um deles o destinando a crença que melhor se identifica pode não apresentar tamanho otimismo ao futuro e experiências religiosas, ainda analisando os sentidos da longevidade (SOMMERHALDE, 2010).

Os conflitos se desenvolvem por acreditar ser necessário e fundamental seguir uma religiosidade, de modo que a pressão é que seja o quanto antes. No entanto, ao longo da vida as percepções são modificadas e a pressa gera desgaste mental, e atritos no ambiente familiar.

### **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é caracterizada por ser uma pesquisa bibliográfica, com objeto metodológico descritivo, de procedimento metodológico de Revisão Narrativa de literatura e uma natureza qualitativa.

Refere-se a uma pesquisa bibliográfica que visa um estudo profundo por intermédio de estruturas de dados coletados (TRAINA; TRAINA JR, 2009). O presente estudo possui objetivo metodológico de uma pesquisa descritiva, conforme Fantinato (2015) envolve a descrição dos eventos e/ou manifestações que são estabelecidos em paralelo com a realidade, mapeando suas especificidades. Esta pesquisa possui natureza metodológica que se dispõe de caráter qualitativo. Desta forma, irá rebuscar de forma interpretativa frente os elementos adquiridos (GÜNTHER, 2006).

Quanto ao procedimento desta pesquisa, está no âmbito da Revisão Narrativa de literatura, que envolve a coleta de dados sobre o tema do pesquisador, investigando informações para a compreensão do fenômeno e buscando recursos publicados como livros, artigos, papers digitais e físicos, etc (PAIVA, 2008).

A partir disso, o estudo tenciona contextualizar as proporções presentes de investigações nas publicações científicas que envolvem a intergeracionalidade, buscando as possibilidades em grupos intergeracionais e os estereótipos e preconceitos que podem estar presentes na adolescência e velhice, explorando as contextualizações na literatura com o intuito de proporcionar futuras pesquisas de cunho científicos.

O desenvolvimento desta pesquisa, no que tange à coleta de dados, foi realizado a partir de agosto de 2021, processo feito por meio das plataformas virtuais de pesquisa SciELO, BVS-Psi e Pepsic, de modo que foram utilizadas três palavras-chaves em português: grupos

intergeracionais, estereótipos e preconceitos, tendo como critério a coleta de dados voltados a estereótipos e preconceitos em grupos intergeracionais entre as gerações adolescência e velhice.

A pesquisa se restringe aos dados tratados e selecionados do ano de 2010 ao de 2020, de modo que esta amplitude no período dará aperfeiçoamento à pesquisa. A pesquisa baseia-se no método de amostragem por conveniência, que segundo Marotti (2008) é utilizada em estudos exploratórios a fim de gerar novas ideias.

Dentre os critérios de inclusão estão os artigos, teses, e outras publicações de cunho científico que estabelecem aparato suficiente ao tema investigado, também artigos em português. Os critérios de exclusão, são destinados às publicações que não indicavam dados relevantes à proposta da pesquisa, ou seja, excluídos os artigos que não estivessem disponíveis por completo ou artigos que não se referissem às palavras-chave.

Portanto, após a definição do problema de pesquisa, conforme a primeira etapa do fluxograma no tópico abaixo, os dados foram coletados por meio da utilização das palavras-chaves em português grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos, deste modo as palavras foram combinadas em dupla em cada plataforma, posteriormente em trio, discorrendo sobre cada resumo e selecionando assim os artigos que correspondem a temática.

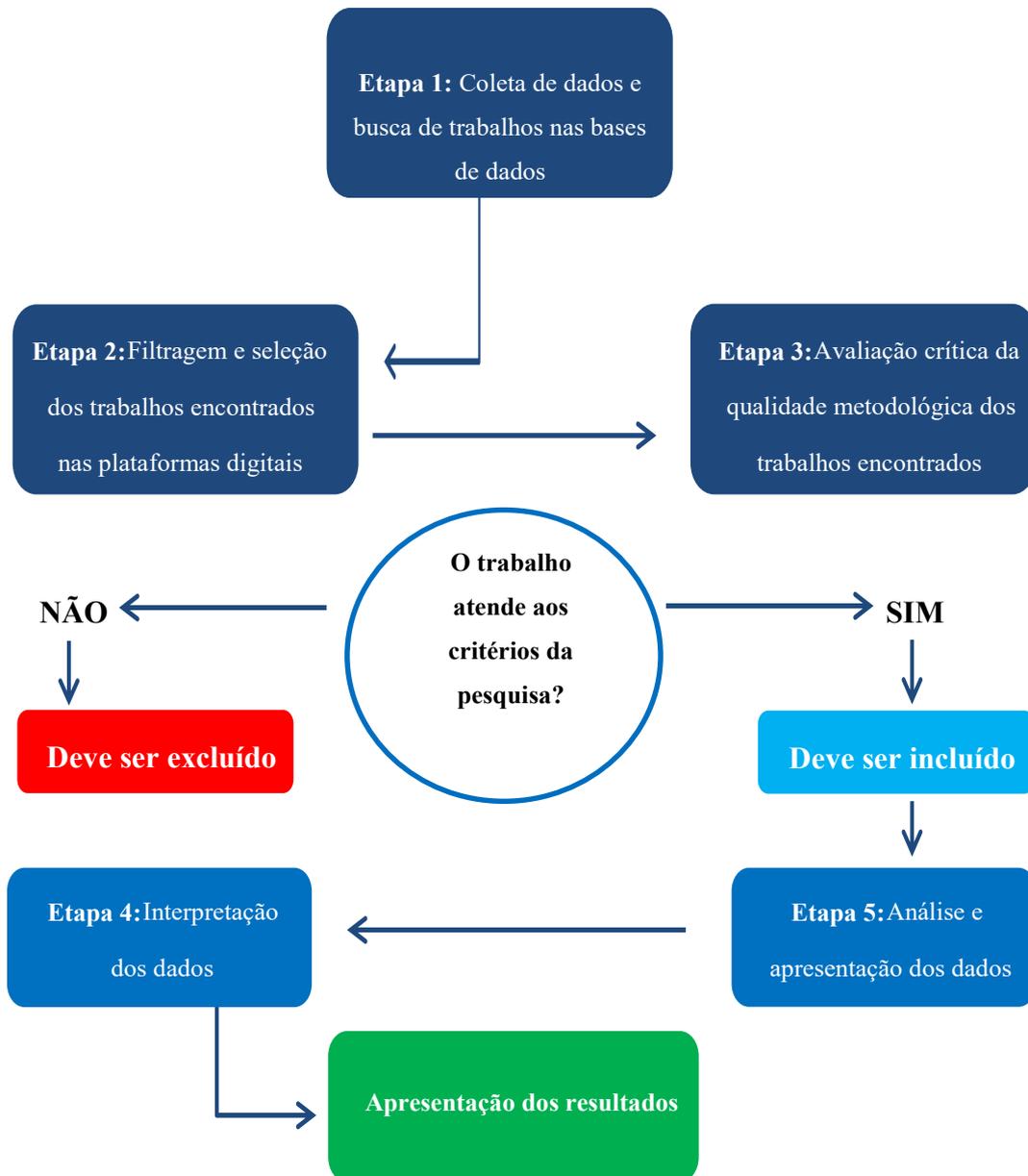
Em seguida, a segunda etapa da pesquisa ocorreu com os agrupamentos das palavras-chaves para busca nas plataformas digitais, por diante foi feita a filtragem pela leitura do resumo dos artigos encontrados e assim, obedecendo os critérios de inclusão ou exclusão da pesquisa, após a terceira etapa apresenta-se a análise dos artigos selecionados via apresentação de ficha síntese de cada artigo.

De acordo com as avaliações feitas dos trabalhos encontrados, na sexta etapa inicia-se à interpretação dos dados coletados, de modo que chegue a quinta etapa para análise e apresentação dos dados por meio de uma análise qualitativa, onde são apresentados por quadros, que constam dados gerais da pesquisa realizada pela combinação das palavras-chaves e os dados filtrados e analisados pelos artigos e teses selecionadas, a análise foi apresentada por fichas sínteses das publicações encontradas nas plataformas digitais.

Diante disso, os dados qualitativos sucederam após tratados por meio da discussão dos estudos encontrados à luz do referencial teórico adotado sobre a temática, de modo que todas as etapas da pesquisa sejam contempladas.

A fim de melhor contemplar esta pesquisa, será apresentado um fluxograma que proporcione as visualizações de cada etapa para tal execução, condizente especificamente a metodologia.

**Figura 1 - Fluxograma das Etapas da Pesquisa:**



Fonte: Autoria Própria.

Conforme exposto, as etapas da pesquisa foram elaboradas para melhor contemplar a coleta e interpretação dos resultados durante o processo de execução, a fim de manter um parâmetro que proporcione a resolução do problema inicial de pesquisa.

A pesquisa apesar de ser uma Revisão Narrativa de literatura, também pode oferecer riscos, no entanto estabelece maior planejamento e segurança diante de decisões a serem tomadas diante de alguma intervenção. De acordo com Brasil (2012), os riscos que se aplicam em pesquisas de Revisão Narrativa são limitados, mas podem ocorrer, de modo que o viés

presente nas publicações é de linguagem e metodologias, também podem surgir as interferências nas concordâncias entre os estudos selecionados, no qual são direcionados a populações diferentes, modelos de intervenções, definição de conclusões distintas e dentre outras variáveis. No entanto, medidas serão tomadas a fim de que os riscos desta produção sejam reduzidos.

Os benefícios desta pesquisa é integrar os fatos das diversas investigações publicadas na literatura brasileira, por meio das evidências e afirmações dos resultados, espera-se que estejam relacionadas às publicações existentes, e considerar o desenvolvimento de novas pesquisas científicas, sobre essa temática.

Quanto aos desfechos primários, investigou-se na literatura um arcabouço suficiente que assegure a pesquisa diante do problema inicial, de modo que as discussões possam ser baseadas em várias abordagens teóricas, elucidando ainda a presença de autores que investigam e preocupam-se com estudos voltados à intergeracionalidade.

No entanto, nos desfechos secundários, acredita-se que a pesquisa pode direcionar mais a um tópico em específico, explanando maiores discussões segundo os dados encontrados durante as pesquisas nas plataformas digitais. Assim, pode surgir a necessidade de pesquisas na escassez dos tópicos menos contextualizados, potencializando investigações e revisões na literatura.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo do tópico, a pesquisa será revisada com referências, e os resultados desta pesquisa serão apresentados, qualitativamente, sendo analisado primeiramente os dados descritivos numéricos encontrados, e posteriormente pela análise das fichas sínteses. Como evidenciado na metodologia, a coleta de dados foi a partir das plataformas digitais SciELO, BVS-Psi e Pepsic, com a combinação das palavras-chave em português, os artigos e teses publicados foram do ano de 2010 ao de 2020, selecionados e filtrados, conforme os critérios de inclusão e exclusão, anteriormente explanados.

##### 4.1 Resultados dos dados descritivos numéricos referentes as buscas nas plataformas

Nessa primeira etapa será apresentado os dados descritivos numéricos por meio de quadros com os resultados gerais, e resultados após a filtragem. Para realização da pesquisa, utilizou-se as palavras-chave em português “grupos intergeracionais”, “estereótipos” e “preconceitos”, combinadas em dupla e posteriormente em trio, observando cada descrição dos resumos e incluindo assim, os artigos que adequem ao tema. Os resultados primários seguem na quadros:

**Quadro 1- Quantidade total de artigos e teses encontrados nas plataformas digitais utilizando as palavras-chave em português.**

Palavras-Chave	SciELO	BVS-Psi	Pepsic
<b>Grupos intergeracionais; estereótipos</b>	1	0	0
<b>Grupos intergeracionais; preconceitos</b>	1	0	0
<b>Estereótipos; preconceitos</b>	21	43	0
<b>Grupos intergeracionais; estereótipos; preconceitos</b>	0	0	0

Fonte: Autoria Própria.

A combinação das palavras-chave grupos intergeracionais e estereótipos, em português, proporcionaram um total de 1 resultado encontrado na plataforma SciELO. Entretanto, nas plataformas BVS-Psi e Pepsic não foram obtidos resultados. A segunda etapa, em que foi feita a combinação das palavras-chave grupos intergeracionais e preconceitos, também resultou no total de 1 artigo encontrado, identificando que se trata do mesmo artigo encontrado na plataforma SciELO. Nas plataformas BVS-Psi e Pepsic não foram encontrados resultados com a combinação apresentada anteriormente. A combinação das palavras-chave estereótipos e preconceitos obteve um total de 21 resultados na plataforma SciELO, e 43 na BVS-Psi, sem

resultados na Pepsic. Por meio da combinação das palavras chaves em trio, não houve resultados gerados nas três plataformas. A plataforma Pepsic, não apresentou resultados para nenhuma das combinações.

A seguir, os artigos e teses selecionados e filtrados, nas três plataformas, para as combinações de palavras-chave em português:

**Quadro 2- Quantidade total de artigos e teses selecionados e filtrados, considerando os critérios de inclusão e de exclusão (palavras-chave em português)**

<b>Palavras-Chave</b>	<b>SciELO</b>	<b>BVS-Psi</b>	<b>Pepsic</b>
<b>Grupos intergeracionais; estereótipos</b>	1 selecionado	0	0
<b>Grupos intergeracionais; preconceitos</b>	1-1 = 0 selecionado	0	0
<b>Estereótipos; preconceitos</b>	21 - 18 = 3 selecionados	43-39 = 4 selecionados	0
<b>Grupos intergeracionais; estereótipos; preconceitos</b>	0	0	0

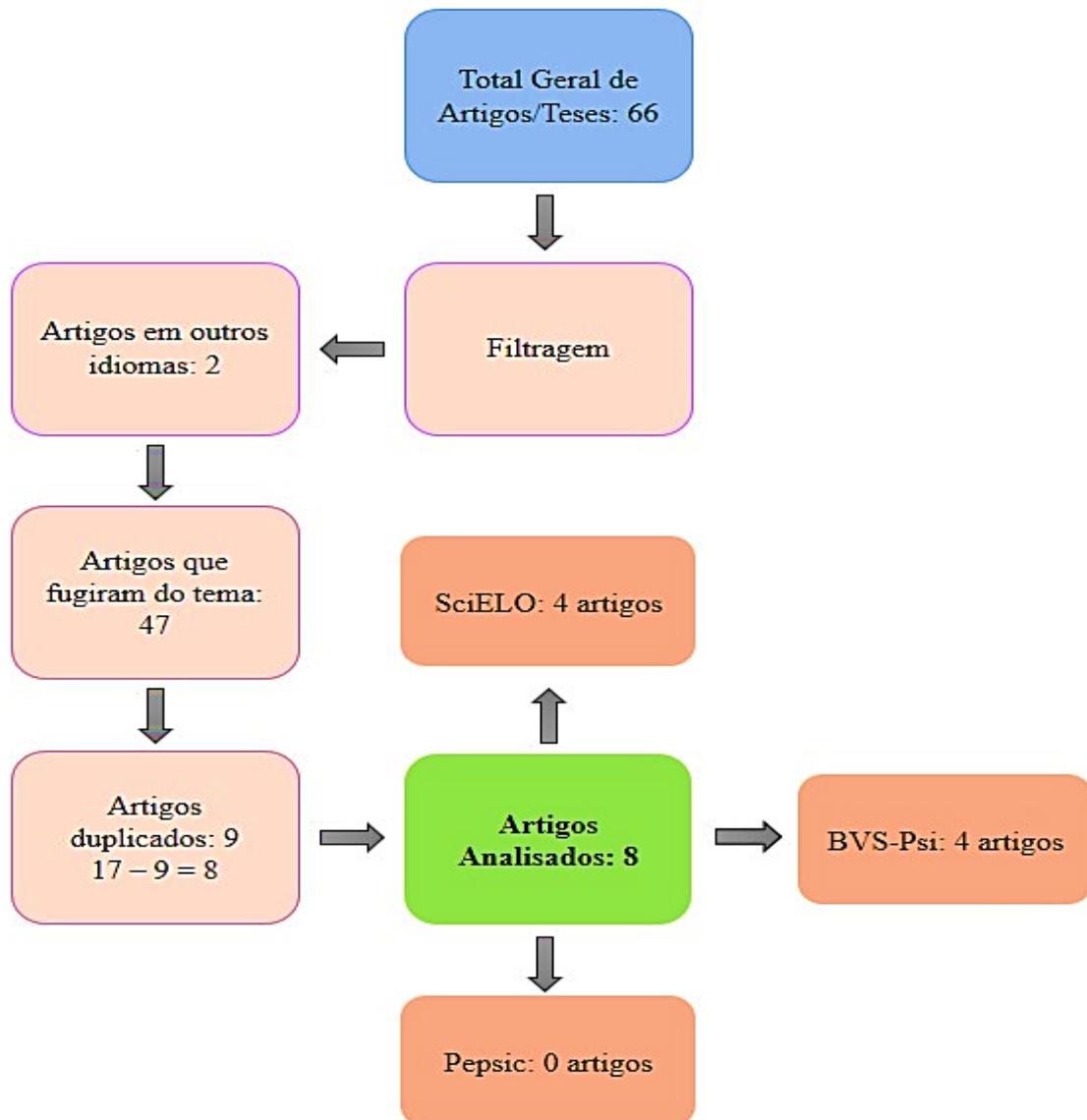
Fonte: Autoria Própria.

Para a combinação de palavras grupos intergeracionais e estereótipos teve 1 resultado encontrado na plataforma SciELO, o qual foi selecionado, considerando a compatibilidade ao tema de pesquisa e ao período estabelecido. A combinação grupos intergeracionais e preconceitos resultou em 1 artigo duplicado, ou seja, o mesmo encontrado na combinação das palavras-chave grupos intergeracionais e estereótipos, dessa forma, pela duplicação encontrada, o artigo será analisado pela combinação das palavras-chaves por atender aos critérios de inclusão. 21 resultados obtidos ao combinar estereótipos e preconceitos, deste total 2 estavam publicados em outro idioma (inglês), 9 resultados que fugiam da temática, um total de 7 artigos com duplicidade, nesse total 6 fugiram do tema e 1 artigo está dentro dos critérios de inclusão, portanto 3 selecionados para análise. Ao combinar as palavras-chaves em trio, a plataforma não detectou resultados. O resultado final de 3 artigos foi incluído nessa pesquisa.

Na plataforma BVS-Psi, inicialmente, com o agrupamento das palavras-chave grupos intergeracionais e estereótipos, não indicou resultados, o mesmo para o agrupamento de grupos intergeracionais e preconceitos, isento de artigos e teses. Entretanto, ao agrupar estereótipos e preconceitos a plataforma apresentou 43 resultados, na filtragem 39 artigos e teses fugiram do tema destacado nessa pesquisa, 4 selecionados por esta de acordo ao objetivo da pesquisa. O agrupamento das três palavras-chave, não teve resultados na plataforma.

A Pepsic não exibiu resultados para nenhuma das combinações, repetindo assim o mesmo resultado para todas as combinações em trio das palavras-chave nas plataformas, sem resultados expostos. A seguir, será apresentado um fluxograma da Revisão Narrativa para melhor compreensão dos resultados na consolidação de análises e filtragem.

**Figura 2 - Fluxograma da Revisão Narrativa:**



Fonte: Autoria Própria.

Portanto, considerando um total de 4 artigos e teses incluídas na plataforma SciELO e 4 na BVS-Psi, somando 8 artigos e teses para discussões acerca do tema trabalhado nessa pesquisa.

A seguir, ser apresentada as fichas sínteses dos 8 artigos/teses selecionadas na Revisão Narrativa.

#### **Ficha síntese: artigo 01**

<b>Título</b>	<b>Considerações sobre o amor e a sexualidade na maturidade.</b>
<b>Autor (es)</b>	ANTUNES, E. S. D. C. et. al.
<b>Ano da publicação</b>	2010
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Velhice; envelhecimento; sexualidade.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	BVS-Psi
<b>Síntese</b>	<p>O estudo contido ressalta a sexualidade para além do prazer sexual, envolve questões psíquicas, sociais e biológicas, isso é de grande importância a ser pensado pelos profissionais de saúde que cuidam de velhos. A sociedade vivencia um paradoxo, alguns desenvolvem meios para auxiliar na longevidade, outros buscam limitar e excluir a integração da velhice na sociedade, na medida que desenvolvem ideologias e ações estereotipadas e preconceituosas. Portanto, o velho no meio social apresenta poucas expectativas devido à perda de papéis representativos, a exemplo do trabalho, na família, e na sociedade. A aposentadoria é comumente entendida como resultado de quem já está na velhice, resultado para que o mesmo afaste-se de papéis que considera motivador para a vida. Todavia, a falta de aplicação de políticas públicas direcionadas à velhice, e os discursos contemporâneos voltados à inutilidade, solidão, doenças, dentre outros que são classificados como “é coisa de velho”. Portanto, o homem e a mulher têm que vivenciar o amor e sexualidade de forma vital, ocupando assim o lugar de direito, representando o desejo de viver, desestigmatizando o “é coisa de velho”.</p>

**Ficha síntese: artigo 02**

<b>Título</b>	<b>Desafios do "preconceito etário" no Brasil.</b>
<b>Autor (es)</b>	GOLDANI, A. M.
<b>Ano da publicação</b>	2010
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Preconceito etário; Discriminação por idade; Relações entre gerações; Políticas públicas.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Grupos intergeracionais e Estereótipos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	SciELO
<b>Síntese</b>	<p>O artigo trata-se de uma pesquisa documental direcionada a importância de discussões voltadas ao preconceito etário e a discriminação por idade como fenômeno generalizado e transcultural, de modo que as trocas de conhecimentos fazem parte do processo intergeracional com destaque na longevidade humana. Considerando a simbolização entre avós, pais e filhos/netos, conceder a aprendizagem para transferências intergeracionais são significativas ampliam e melhoram as compreensões uns dos outros. Atentar-se para a necessidade de que o preconceito etário deveria ser sancionado nas políticas públicas por meio de programas educativos, intervenções governamentais e na própria legislação, auxiliando em trocas de saberes para desconstrução de estereótipos e promover uma sociedade para todas as idades, visto que o envelhecimento demográfico é crescente e as perspectiva em forçar o velho a aposentar-se nas épocas de trabalhos escassos. Por fim, aos pesquisadores e profissionais de saúde é essencial a notificação dos casos de doenças na velhice, mesmo as classificadas como comuns para serem trabalhados a redução de riscos e qualidade de vida.</p>

---

**Ficha síntese: artigo 03**

<b>Título</b>	<b>Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos.</b>
<b>Autor (es)</b>	MESQUITA FILHO, M. et. al.
<b>Ano da publicação</b>	2011
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Gênero e saúde; Preconceito; Violência contra a mulher; Causas externas; Determinantes epidemiológicos.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	BVS-Psi
<b>Síntese</b>	<p>O artigo faz parte de um estudo transversal que traz a discriminação e a violência de gênero feminino, associados as interpretações não coniventes com a mulher, mensurando a existência de preconceitos e estereótipos de gênero e sexismo ambivalente, o estudo foi feito com a participação de adolescentes masculinos de 12 a 16 anos de escolas públicas municipais e estaduais. Apresentando resultados negativos e hostis, com a presença de ideologias de conservadorismo estereotipados e sexistas direcionados a opressão do gênero feminino, ainda no mesmo estudo apesar de cursarem diferentes séries do ensino fundamental e médio, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto aos escores de estereótipos de gênero ou do sexismo, que mostraram que quanto maior a escolaridade menor o nível de sexismo, podendo gerar tanto em preconceito contra a mulher, quanto a violência física, contudo surge a necessidade do desenvolvimento de ações e políticas para a sua erradicação.</p>

---

**Ficha síntese: artigo 04**

<b>Título</b>	<b>Processo de envelhecimento: percepções de docentes da rede básica de educação do município de Uruguaiana-RS.</b>
<b>Autor (es)</b>	VIEIRA, A. D. S.; MELLO-CARPES, P. B.
<b>Ano da publicação</b>	2013
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Envelhecimento; Idoso; Docentes; Percepção.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	SciELO
<b>Síntese</b>	<p>O artigo contempla estudo descritivo, cuja amostra foi composta por 13 educadores que responderam a um questionário, previamente validado por pesquisadores da área, contendo oito perguntas, com o objetivo de compreender a percepção do processo de envelhecimento humano pelos docentes da rede pública de educação básica de Uruguaiana-RS. Nas investigações é percebido aspectos positivos e negativos, (84,61%) dos docentes entende o envelhecimento por uma fase de trocas de conhecimentos e transições, no entanto também é enfrentado por um estado de preocupações, medo, fragilidades e doenças advindas, retratando assim estereótipos relacionados à velhice as mudanças biológicas e buscas frustradas por aceitação. Uma grande parte dos participantes possuem aceitação e encaram como um processo necessário e que deve ser experienciado da melhor forma possível. Portanto, é notável a velhice por fragmentos, já que existem inúmeras dimensões relacionadas ao envelhecimento, ressaltando a diversidade de resultados positivos e negativos, entendido singularidades vivenciadas por cada participante.</p>

**Ficha síntese: artigo 05**

---

<b>Título</b>	<b>Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento.</b>
<b>Autor (es)</b>	TORRES, T. D. L. et. al.
<b>Ano da publicação</b>	2015
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Envelhecimento; Idoso; Aposentadoria; Estágios do ciclo de vida.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	SciELO
<b>Síntese</b>	<p>O estudo em perspectiva a Teoria das Representações Sociais, objetivando especificar as características de aproximação e distanciamentos sociais e ideologias estereotipadas do envelhecimento em diferentes grupos etários, contando com 638 participantes para responderem um questionário dividido por sexo e idade, composto por adolescentes (14 a 18 anos), adultos (19 a 59 anos) e velhos (a partir de 60 anos). A avaliação de representação social do envelhecimento, contando com as variáveis de grupo etário e sexo, não apresentaram alterações aos temas de sabedoria, experiência e aposentadoria, tendo maior compartilhamento entre os grupos etários e sexo, tais estereótipos observados como positivos. Embora elementos do envelhecimento, segundo os homens seja visto de forma negativa, envolvendo patologias e invalidez, a aposentadoria como negativo, também. Conclui-se que idealizar e colocar em prática locais e situações para estimular as vivências entre gerações seria de suma importância por meio de políticas públicas, incentivando a empatia entre os grupos, e meio de articulação de redes de apoio para o velho.</p>

---

**Ficha síntese: artigo 06**

---

<b>Título</b>	<b>HIV / AIDS entre idosos: estigmas no trabalho e treinamento em saúde</b>
<b>Autor (es)</b>	CASSETTE, J. B. et. al.
<b>Ano da publicação</b>	2016
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Envelhecimento; HIV; Estigma Social; Formação Profissional.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	BVS-Psi
<b>Síntese</b>	<p>Este artigo buscou analisar de forma qualitativa e com caráter exploratório a atuação de profissionais de saúde em idosos com diagnóstico de HIV/aids em um serviço público de saúde. As percepções dos profissionais de saúde apontam para o isolamento e solidão do velho quando dado o diagnóstico de HIV/aids, ainda abordam a dificuldade em proceder com o diagnóstico e receio aos danos psíquicos que podem gerar ao velho, alguns profissionais relatam que velho pode ficar triste, introspectivo, em outros casos é solicitado um suporte do profissional de psicologia, muitos se afastam do comboio social. Os preconceitos apresentados ao HIV/aids é presente nos próprios profissionais de saúde para lidar com a situação, interferindo diretamente as alternativas de tratamento e nos processos de saúde doença do paciente diagnosticado, fazendo-se necessário uma abrangência no campo da saúde para compreensão das problemáticas gerais que irão surgir, com serviço público de assistência especializada em IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e aids.</p>

---

**Ficha síntese: artigo 07**

<b>Título</b>	<b>Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do programa Estratégia da família (PEF).</b>
<b>Autor (es)</b>	ALVES, D. J. et. al.
<b>Ano da publicação</b>	2019
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Representações Sociais; profissionais da saúde; idosos LGBT.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	BVS-Psi
<b>Síntese</b>	<p>O artigo objetivou identificar as representações sociais entre profissionais cadastrados no Programa Estratégia da Família (PEF) acerca da velhice LGBT, para a coleta de dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma pergunta: Como você entende a velhice LGBT? A pesquisa resultou em estereótipos negativos relacionados à orientação sexual, e à invisibilidade do velho LGBT, percebido então que comumente a velhice em visão de muitas pessoas trata-se de um tabu, mas ao contrário a velhice é ativa e participante de vivências sexuais. O estudo apresenta a importância de atenção no campo de saúde direcionados à velhice, pois devido aos estereótipos negativos ao tema LGBT, principalmente nesse grupo etário, muitos não buscam auxílio de saúde quando necessário. Por fim, a necessidade do profissional de saúde entender e compreender a necessidade de ampliar os conhecimentos das representações sociais para atender esse grupo, visto que por muitas vezes ainda é notório a invisibilidade do velho em diversos contextos, principalmente ao tratar de sexualidade.</p>

**Ficha síntese: artigo 08**

<b>Título</b>	<b>Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles.</b>
<b>Autor (es)</b>	SCHWERTNER, M. R.; BODNAR, R.
<b>Ano da publicação</b>	2019
<b>Palavras-chave da publicação</b>	Lygia Fagundes Telles; As horas nuas; velhice; literatura.
<b>Palavras-chave usadas para pesquisar</b>	Estereótipos e Preconceitos.
<b>Plataforma de Pesquisa</b>	SciELO
<b>Síntese</b>	<p>O artigo discorre sobre textos de Simone de Beauvoir, Ecléa Bosi e Robert Burtler, publicados nas décadas de 60 e 70, apresentando por meio da obra de Lygia Fagundes Telles intitulada de <i>As horas nuas</i> no ano de 1989, retratando uma personagem velha que confronta o cotidiano dos estereótipos e preconceitos enfrentados na falta de oportunidades para atuações, e na maioria das vezes a protagonista tende a ser uma mulher jovem. Portanto, ressalta ainda, o envelhecimento demográfico e consigo modificações da realidade de diferentes conceitos da velhice, remetendo a mudanças socioculturais relevantes, a exemplo da relativização do desenvolvimento humano, ainda ressalta a importância de vivências grupais como influência para desenvolver assertividade a respeito da longevidade. O enfrentamento do estereótipo de que a beleza é jovem e a velhice é cercada por um período submetido de incapacidades e inseguranças. No entanto, a juventude não deve ser idealizada como eterna, e o velho manter-se sempre jovem e com um físico malhado, mas sim com ampliação e diversidade para que o velho possa assumir sua forma, permitindo viver o envelhecimento satisfatório e longo.</p>

## **4.2. Análise Fichas Sínteses**

Desse modo, a partir dos resultados encontrados nas fichas sínteses expostas, iniciam-se as análises qualitativas desta pesquisa, de acordo com o referencial teórico adotado neste estudo.

### **4.2.1 Eixo 1: O Envelhecimento na Percepção do Adolescente**

Durante a adolescência é pouco discutido sobre as percepções das Representações Sociais do envelhecimento, segundo Torres et al (2015), o adolescente possui estereótipos positivos, e o velho é visto como um ser cheio de sabedoria e experiências, no entanto outros percebem esta fase por um período de limitações e perdas. Para Neri (2006) o envelhecimento é evidenciado por inúmeras potencialidades, mudanças e vitalidade.

Ainda na perspectiva de Torres et al (2015), o adolescente vê o velho com representatividades de memorial e lapsos de invalidez, tais estereótipos são perpassados ao longo da vida, de geração em geração. Dos Anjos et al (2019), justifica que as concepções agregadas pelo adolescente estão relacionadas ao meio que está inserido, ou seja, as percepções podem ser evidenciadas em convivência ou por meio de terceiros sobre a velhice.

Na adolescência também estão presentes alguns estereótipos do corpo perfeito, do período de potencialidades infinitas, conforme explica Schwertner e Bodnar (2019), a sociedade denota que a beleza é jovem, imortalizando tal conceito, e assim concluem em interferências das ideias do adolescente para compreender que o envelhecimento também é satisfatório. Para Lima (2011) a velhice singular, vivenciado de forma única, tal ideia também pode ser integrada nas intergerações, deste modo evidencia que a ideia anterior não pode ser generalizada.

Todavia, seja na mídia ou na realidade descrita por Schwertner e Bodnar (2019), os papéis de liderança são atribuídos a corpos jovens, portanto, ao lidar com a mídia, a maioria dos papéis é atribuída a mulheres jovens. Segundo Goldani (2010), esse papel pode ser um fenômeno transcultural universal e uma forma de discriminação por idade. No entanto, segundo Valença et al. (2010), as mudanças fisiológicas e patológicas são inevitáveis, mas algumas mulheres procuram perpetuar a juventude, mesmo estando na velhice.

Desde a adolescência a mulher é discriminada por ideologias sexistas, no estudo de Mesquita Filho et al (2011) mostra que adolescentes de 12 a 16 anos do sexo masculino denotam estereótipos negativos, com interpretações não convincentes à mulher. Não discordando da ideia anterior, mas apontando como uma das possíveis soluções, Narvaz e Koller (2004) enfatizam que a presença da comunicação no meio familiar de forma efetiva para proporcionar

métodos educativos, possibilitaria na desconstrução de tais estereótipos, pois este também pode ser aprendido dentro da estrutura familiar.

Os desafios vivenciados desde o nascimento até a velhice são experienciados de forma única, Goldani (2010) traz a importância das trocas intergeracionais que se destacam para os processos longevos com inúmeros benefícios, França et al (2010) aponta que os benefícios resultantes dessa experiência são as trocas de conhecimentos entre gerações com idades diferentes, mas vivendo em uma mesma época.

O estudo de Aersa (2004) apresenta o estereótipo do adolescente voltado ao velho, de que a idade avançada indica baixa capacidade de produtividade que favoreça a sociedade, Goldani (2010) reforça a importância da troca de saberes, na desconstrução de estereótipos e promoção de um meio social com maior equidade e bem-estar a todas as faixas etárias.

Em suma, é possível notar que no estudo Torres et al (2015) foi feito levantamento dos estereótipos e preconceitos etários que são discriminações direcionados a grupos associados à idade. Dentre eles a aposentadoria foi vista como negativa, Antunes et al (2010) ressalta que a aposentadoria se tornou um estigma relacionado à velhice na opinião de pessoas mais jovens. Mas segundo Goldani (2010), o velho é obrigado a parar de trabalhar, mesmo com todos os potenciais evidenciados.

No desenvolvimento humano, a adolescência também é conhecida por ser um estágio com diversos conflitos, mas pouco é feito para sancionar as complexidades de inseguranças advindas com o tempo, Goldani (2010) ressalta a importância de programas educativos que proporcione interação no meio intergeracional. Sem descartar a realidade de que muitos adolescentes não possuem figuras de pessoas velhas na família, os programas iriam proporcionar tal feito, de acordo com Carneiro (2012).

Com isso, é identificado que os adolescentes possuem percepções sobre o envelhecimento como um período que tem seus benefícios, mas também possui algumas desvantagens, como por exemplo as mudanças físicas, a invalidez e incapacidade de executar as atividades no mesmo nível de idades inferiores. A vista disso, também é ressaltado as trocas intergeracionais, a fim de promover equidade nas faixas etárias por meio dos conhecimentos trocados entre as gerações, mesmo que o adolescente não tenha contato direto no meio familiar com pessoas velhas.

#### **4.2.2 Eixo 2: A Representação Social do Envelhecimento**

O envelhecimento, conforme discutido por Torres et al (2015), é direcionado ao velho estereótipos positivos de sabedoria, experiência e com um conhecimento maior adquirido pela

longevidade. Para Pereira et al (2014) além dos estereótipos positivos, o envelhecer também se trata de uma fase dolorida, devido aos sentimentos de finitude.

Portanto, o velho além de vivenciar fases dolorosas, busca por aceitação e compreensão seja no meio intergeracional ou social, segundo Vieira et al (2013) o velho passa por mudanças biológicas e psíquicas, de modo que terá que adaptar-se a viver com menos recursos de geram satisfação. De acordo com Beauvoir (2018), são limitadas as atividades de lazer, atividades físicas, dentre outros.

As compreensões do envelhecimento estereotipado não são apenas de adolescentes, mas também de profissionais da área da saúde, ainda descrito por Vieira et al (2013), mostra que os educadores se preocupam com essa fase, pelas constantes transições vivenciadas, a exemplo das limitações. Contudo, essa fase citada deve ser tratada de forma natural e singular (PALÁCIOS, 2004; DEZAN, 2015).

Muitos profissionais demonstram-se inseguros frente aos diagnósticos que tendem a repassar a um velho, Alves et al (2019) explana as representações sociais da velhice LGBTQIA+, resultando na invisibilidade do velho no contexto de orientação sexual, considerada ainda um tabu. No entanto, segundo Henning (2017) o velho agrega preconceitos e estereótipos voltados à identidade de gênero, de modo que a busca as informações são reduzidas, podendo ser resultante na invisibilidade no contexto de orientação sexual.

Contudo, Antunes et al (2010) enfatiza também, a sexualidade na velhice para além do prazer sexual, de modo que envolve questões psíquicas, sociais e biológicas, ou seja, compreensão a ser pensada pelos profissionais da saúde para manejo com tal público. Contrapondo essa ideia, Foucault (1984), traz a sexualidade por contatos sexuais ou físicos, objetivando o prazer.

Antunes et al (2010), destaca que a sociedade pode proporcionar meios para auxiliar na longevidade do velho, mas não sistematizando a ideia, visto que outras desenvolvem ideologias e ações estereotipadas e preconceituosas, ainda ressalta que o homem e a mulher têm que vivenciar o amor e sexualidade de forma vital. Bauman (1998), destaca que a aquisição de autonomia em sociedade com inserção de discriminação é uma das maiores conquistas que o homem pode ter.

A sociedade ainda apresenta inseguranças de dar autonomia ao velho para viver à sua maneira, Cassette (2016) discute a interferência dos profissionais de saúde para diagnósticos de HIV/aids ao público velho, com receios de causar danos psíquicos, demonstrando inseguranças para lidar com as problemáticas. Agich (2008), contrapõe a ideia de incapacidade e afirma que

o velho é capaz de lidar com inúmeras situações e adversidades, descartando apenas os períodos de vulnerabilidade.

Os preconceitos apresentados ao HIV/aids são apresentados pelos próprios profissionais, de acordo com Cassette (2016), relatam que velho pode ficar depressivo, introspectivo, outros se afastam do comboio social. Deste modo o comboio não irá oferecer o amparo necessário, e o velho não terá acolhimento (CACHIONI; BATISTONI, 2012).

De acordo com Freitas et al (2006) o comboio social trata-se de contatos sociais composto por pessoas com maior intimidade, a exemplo do cônjuge, familiares e amigos, que podem ser de suma importância para proporcionar qualidade de vida ao velho, por meio do desenvolvimento de métodos com interações que incluam o velho e proporcionem experiências diariamente, reforçando as potencialidades do velho.

No entanto, para Torres et al (2015) é apresentado a importância de políticas públicas na luta contra o preconceito etário, de modo que seja criado espaços que estimulem o contato com as gerações. De acordo com Zimmerman e Osório (1997), o envelhecimento inicia-se desde o primeiro dia de vida, com isso o contato intergeracional trará ampliação na visão de mundo das gerações.

Tais trocas intergeracionais também podem desestigmatizar a beleza voltada ao público jovem, idealizando a eternização da aparência sempre jovem, de acordo com Schwertner et al (2019) as trocas de conhecimentos nas gerações podem influenciar na assertividade e compreensão da longevidade. Infere-se, que a longevidade inclui desenvolvimento e adaptações, em buscas de êxitos para ganhos e perdas biopsicossociais (NERI, 2006).

A vista disso, o envelhecimento também é cercado por estereótipos e preconceitos negativos de limitações e sofrimentos, e conforme apresentado, muitos são evidenciados por profissionais da saúde, mas também pode ser destacado que uma parte da sociedade se empenha para proporcionar longevidade e inclusão para com o velho, mas outros expressam preconceitos e estereótipos diretos ao velho. Portanto, as trocas e vivências podem resultar em aquisição de conhecimentos e respeito à velhice.

#### **4.2.3 Eixo 3: Estereótipos e Preconceitos Sofrem Influências Intergeracionais**

Ao analisar os estudos encontrados, percebe-se que os autores não investigaram sobre os grupos intergeracionais, no qual são constituídos por um conjunto de pessoas que compartilham anseios em comum, de modo que fatores econômicos, sociais, culturais, dentre outros aspectos que venham a emergir nos contatos nas gerações e proporcionar interações entre os membros (ZIMMERMAN; OSÓRIO, 1997).

Nos grupos intergeracionais, pode haver distinções de idade entre os membros, ou seja, os grupos intergeracionais são formados por avós, pais, filhos, netos, bisnetos, e assim adiante, com isso as gerações mantêm os contatos e fazem as trocas entre de conhecimentos entre si (BORTOLAZZO, 2016). Nisso, o atentar-se às dimensões de cada membro do grupo é importante, para isso a inclusão de ambos é necessária, principalmente a do velho, visto que uma parte da sociedade já o excluí.

Todavia, considerando que a sociedade pode proporcionar aspectos positivos para integrar o velho na liberdade de expressar os papéis desejados sem limitações, mas a sociedade também possui pessoas que não aderem a mesma ideologia de inclusão, conforme apresentado por Antunes et al (2010), existem a falta de aplicação de políticas públicas que fomentem na inclusão e desconstrução do discurso contemporâneo de inutilidade.

Schwertner et al (2019), explica que a oposição de papéis do velho, frente aos preconceitos sofridos na sociedade, são passados pelas gerações que também são influenciadas por meios de comunicação, e enfatizam os discursos contemporâneos que agregam estereótipos, não condizentes com a velhice humana, obrigando o velho a passar por mudanças marcantes sem viabilizarem momentos de inclusão e adaptação, a exemplo da aposentadoria.

Torres et al (2015), concorda que o ambiente intergeracional pode influenciar nas antipatias e conflitos, que caracterizam na discriminação e exclusão do velho, devido ao meio social visualizar a pessoa velha com estereótipos psicológicos e sociais de forma negativa, elucidando os aspectos estigmatizantes sobre velhice, considerado na maior parte apenas aspectos desfavoráveis.

Com isso, além do velho ter uma constante luta para ser integrado ainda como um ser capaz de viver com inúmeras potencialidades, o adolescente que também está incluído no grupo intergeracional necessita de apoio, o discurso de pouca experiência e falta de responsabilidade, também é voltado à geração de adolescentes (LIEBEL, 2015). Confirmando a ideia de Goldani et al (2010), que a adolescência também é uma geração que sofre com estereótipos e preconceitos etários.

Para Liebel (2015) o velho possui maior assistência ao se tratar de políticas públicas, contrapondo esta ideia Antunes et al (2010), apresenta que o velho na sociedade possui poucas expectativas por ser estereotipado e desrespeitado, ressaltando a aplicação das políticas públicas a esta geração, ainda escarça na assistência direcionada as pessoas velhas.

Portanto, os resultados encontrados nesta pesquisa, atenta-se a escassez de discussões intergeracionais entre adolescentes e velhos, apenas nas discussões de Goldani et al (2010) traz

a importância da simbolização entre avós, pais e filhos/netos, destacando as transferências intergeracionais que podem resultar em trocas empáticas.

Além disso, Goldani et al (2010), apresenta ainda o preconceito etário, sendo preconceitos e estereótipos associados à idade, enfatizando a falta de políticas públicas para redução das hostilidades e desrespeito aos que sofrem este tipo de discriminação etária.

Para Ferrigno (2003), a valorização das tecnologias para faixas etárias específicas e atividades, dificultam a articulação nas relações entre as gerações. Todavia Schwertner (2019) aponta percepções da necessidade da mídia agregar o velho como ultrapassado, valorizando as inovações e juventude, dificultando os processos de aceitação do envelhecimento, que é inevitável.

Para esta pesquisa, foram selecionados tipos de preconceitos e estereótipos sofridos nas gerações adolescência e velhice, para contemplar neste estudo, dentre eles estão: adultismo na intergeracionalidade, identidade de gênero em ênfase para o velho e adolescente, sexualidade e os conflitos na intergeracionalidade, e por último a religiosidade na intergeracionalidade.

Na Revisão Narrativa de literatura realizada, os resultados encontrados não apresentam conformidade aos estereótipos e preconceitos que foram selecionados, mas a pesquisa traz na maior parte as percepções do envelhecimento e as discriminações sofridas por esta geração, em todas as fichas sínteses é possível notar que os estudos são direcionados ao envelhecimento.

Entretanto, por mais que as fichas sínteses não abordassem diretamente a temática, ela estava implícita e levantava transposição dos estereótipos e preconceitos, de acordo com Goldani et al (2010) na ficha síntese 2, considera que as gerações são marcadas simbolicamente por cada membro da família, de tal modo que a discriminação etária é passada entre as gerações.

Assim, outros tipos de estereótipos e preconceitos também são transmitidos e ensinados no meio familiar, para Antunes et al (2010), aborda que as gerações passadas não tiveram uma educação sexual adequadamente, de modo que os pais passavam aos filhos os conceitos e pensamentos repletos de preconceitos, tais percepções eram herdadas de outras gerações, obrigando os meninos a ter uma imposição sobre o sexo feminino.

O estudo de Goldani et al (2010) é direcionado ao envelhecimento e trocas intergeracionais, Schwertner et al (2019) também trabalha sobre o envelhecimento satisfatório e longo, Mesquita et al (2011), trouxe um estudo sobre a violência de gênero e o sexismo, o estudo foi feito com adolescentes do sexo masculino de 12 a 16 anos, evidenciando estereótipos negativos e hostis à mulher. Desta forma, tais estereótipos podem ser vivenciados dentro do meio intergeracional.

Adiante, nas demais fichas sínteses, o envelhecimento é retratado na falta de preparo de profissionais da área da saúde para lidar com os velhos e compreensões da sexualidade, atentando-se às políticas públicas para reduzir as ideologias estigmatizadas direcionadas à velhice e seus direitos.

Com isso, é possível notar que ao pesquisar sobre grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos, não houve resultados nas plataformas selecionadas de acordo com a metodologia deste estudo, de modo que os resultados foram em volta de estereótipos e preconceitos, dando amplitude na pesquisa, mas sem direcionamento do público-alvo.

Assim, ainda que não encontrados trabalhos na ênfase de grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos, principalmente focalizando as gerações adolescência e velhice, mesmo que apresentado nas 8 fichas sínteses como resultados dessa pesquisa tem-se, a importância de aproximar as gerações em momentos de interações e trocas de conhecimentos.

Portanto, a intergeracionalidade ainda é pouco estudada como um todo, e com esta pesquisa nota-se ênfase no envelhecimento, mas não ênfase nas duas gerações em questão, que são os adolescentes e velhos, importantes e necessários para a longevidade.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todo o exposto, considerando a escassez de pesquisas práticas e teóricas que contemplem os grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos entre as gerações adolescência e velhice, a Revisão Narrativa traçou um panorama especificamente na literatura científica brasileira, nas plataformas digitais SciELO, BVS-Psi e Pepsic, considerando o período de 2010 a 2020.

Os resultados qualitativos, evidenciaram que dos 8 artigos selecionados, 4 são da plataforma SciELO e 4 da BVS-Psi, deste modo a plataforma Pepsic não apresentou resultados para nenhuma das combinações das palavras-chaves, nenhum resultado para grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos nas plataformas de pesquisa.

A hipótese inicial desta pesquisa é de que as influências em grupos de intergerações podem seguir um delinear para o desenvolvimento ou permanência de estereótipos e preconceitos nas gerações seguintes. De acordo com os resultados, verificou-se que a hipótese foi confirmada, mesmo não tendo encontrado pesquisas sobre o tema de forma direta, outros estudos apontam que as influências de estereótipos e preconceitos ao envelhecimento são passados entre as gerações.

Entretanto, os resultados encontrados tratavam temas distintos ao pesquisado, de modo que as percepções do envelhecimento obtiveram maior foco, a ênfase de políticas públicas e preparação de profissionais da saúde para atender ao público velho. Outro resultado, responsabiliza a mídia de imortalizar o belo em uma figura sempre jovem, também estudo sobre sexismo, com resultados hostis e negativos direcionados à mulher.

Outros estudos contemplam o envelhecimento sendo necessário, apresentando tanto estereótipos negativos quanto positivos, também sobre preconceito etário, responsabilizando a falta das políticas públicas para contrapor as discriminações etárias. Portanto, em suas conclusões é ressaltada a importância do contato entre as gerações, para desenvolver a ampliação de conhecimento.

Contudo, algumas limitações deste estudo são consideradas, ao pesquisar as palavras-chaves grupos intergeracionais, estereótipos e preconceitos em trio, não foi obtido nenhum resultado nas plataformas digitais selecionadas conforme a metodologia, e o único artigo que tratava grupos intergeracionais e estereótipos, ou grupos intergeracionais e preconceitos, foram duplicados, mas ao colocar em trio o mesmo não era encontrado na plataforma, considerando também que foram utilizados critérios de inclusão e exclusão específicos e limitação das plataformas digitais podem ter interferido na amplitude dos resultados desta pesquisa.

Todavia, acredita-se na relevância de pesquisas futuras, principalmente pesquisas que contemplem a formação de grupos intergeracionais e suas dimensões sistêmicas, a fim de proporcionar um maior arcabouço científico na literatura científica brasileira sobre a temática, ainda pouco trabalhada.

Portanto, sugere-se que mais pesquisas sejam realizadas para avaliar a repercussão desse trabalho nos grupos intergeracionais, estudando os estereótipos e preconceitos nas gerações adolescência e velhice, principalmente estudo prático com essas gerações, para investigar os estereótipos e preconceitos citados no referencial teórico.

## REFERÊNCIAS

- Aerosa, S. V. C. (2004). **O que pensam as mulheres e os homens idosos sobre o seu envelhecimento?** [Edición electrónica]. Revista Virtual Textos e Contextos. Recuperado el 10 de septiembre, 2007, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/978/758>
- AGICH, George J. **Dependência e autonomia na velhice:** um modelo ético para o cuidado de longo prazo. Edições Loyola, 2008.
- ALENCAR, Danielle Lopes de et al. **Fatores que interferem na sexualidade de idosos:** uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 3533-3542, 20.
- ALVES, Andréa Moraes. Fronteiras da relação. **Gênero, geração e a construção de relações afetivas e sexuais.** *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 3, p. 10-32, 2009.
- ALVES DE JESUS, Lorena et al. **Representações sociais da velhice LGBT entre os profissionais do Programa Estratégia da Família (PEF).** *Summa psicol. UST*, p. 27-35, 2019.
- ANTUNES, E. S. D. C. et al. **Considerações sobre o amor e a sexualidade na maturidade.** *Pensando fam*, v. 14, n. 2, p. 121-38, 2010.
- AQUINO, Julio Groppo. **Sexualidade na escola.** Grupo Editorial Summus, 1997.
- AZEREDO, Zaida de Aguiar Sá; AFONSO, Maria Alcina Neto. **Solidão na perspectiva do idoso.** *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, n. 2, p. 313-324, 2016.
- AZEVEDO, Aída Cíntia Mendes De et al.. **Integridade x desespero:** o olhar da teoria psicossocial para a realidade subjetiva de idosos institucionalizados. *Anais III CONBRACIS...* Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/41147>>. Acesso em: 07/04/2021 14:26.
- AZNAR-FARIAS, Maria; SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena. **Estados de identidade:** uma análise da nomenclatura. *Aletheia*, n. 26, p. 62-66, 2007.
- BEARZOTI, Paulo. **Sexualidade:** um conceito psicanalítico freudiano. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, v. 52, n. 1, p. 113-117, 1994.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações, 2018
- Bell, J. (2003). **Compreendendo o adultismo.** Uma chave para desenvolver relacionamentos positivos entre jovens e adultos. O projeto freechild. [http://www.nuac.org/articles/pdf/understanding\\_adultism.pdf](http://www.nuac.org/articles/pdf/understanding_adultism.pdf).

BORGES, Alci Marcus Ribeiro. **Direitos humanos: conceitos e preconceitos.** Jus Navigandi, Teresina, ano, v. 11, p. 1-9, 2006.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **De Comte a Bauman: algumas aproximações entre os conceitos de geração e identidade.** Estudos de Sociologia, v. 1, n. 22, p. 121-144, 2016.

BUENO, Cheila de Oliveira; STRELHOW, Miriam Raquel Wachholz; CÂMARA, Sheila Gonçalves. **Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes.** Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 311-320, 2010.

CACHIONI, Meire; BATISTONI, Samila Sathler Tavares. **Bem-estar subjetivo e psicológico na velhice sob a perspectiva do conviver e do aprender.** Revista Kairós: Gerontologia, v. 15, n. Especial14, p. 9-22, 2012.

CARNEIRO, Adriana Munhoz. **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade.** Aval. psicol., Itatiba, v. 11, n. 2, p. 317-319, ago. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712012000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200017&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 26 maio 2021.

CASTRO, Helga Cláudia Fernandes Ribeiro Teixeira. **O tempo da infância no (s) tempo (s) da justiça: uma análise do exercício dos direitos de participação das crianças nos processos judiciais.** 2018.

CASSÉTTE, Júnia Brunelli et al. **HIV/aids em idosos: estigmas, trabalho e formação em saúde.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 19, p. 733-744, 2016.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade.** Psicologia em revista, v. 16, n. 1, p. 28-46, 2010.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso.** Psicologia & Sociedade, v. 28, n. 2, p. 320-330, 2016.

CHAVES, P. G. S; COSTA, P. L. **Violência doméstica contra o idoso também é assunto de polícia.** Revista Brasileira de Ciências Criminais, Pará, v.13, n. 53, p.344-356. mar/abr. 2005.

CHILAND, Colette; DOUEK, Sybil Safdie. **A construção da identidade de gênero na adolescência.** Rev. bras. psicanál, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 175-185, dez. 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2014000400016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400016&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 maio 2021.

CHIUZI, Rafael Marcus; PEIXOTO, Bruna Ribeiro Gonçalves; FUSARI, Giovanna Lorenzini. **Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson.** Temas em Psicologia, v. 19, n. 2, p. 579-590, 2011.

COELHO, Cristina. **Idades apartadas: pensar o idadismo e a intergeracionalidade.** Pereira, J. e outros (Coord.) Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria, A Intervenção Social,

Cultural e Educativa na Terceira Idade. Intervenção-Associação para a promoção e divulgação cultural, Chaves, p. 63-72, 2013.

DA SILVA FERREIRA, Daniele. **Construção da Identidade de Gênero:** reflexões em contexto escolar. 2018.

DA SILVA, Eliane Moura. **Religião, diversidade e valores culturais:** conceitos teóricos e a educação para a cidadania. Revista de Estudos da Religião, n. 2, p. 1-14, 2004.

DÁTILO, Gilsonir Maria Prevelato de Almeida; CORDEIRO, Ana Paula. **Envelhecimento Humano:** diferentes olhares. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião, 2012.

DE LIMA SILVA, Mônica Magrini et al. **Família e orientação sexual:** dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. Temas em Psicologia, v. 23, n. 3, p. 677-692, 2015.

DE OLIVEIRA DUARTE, Yeda Aparecida et al. **Religiosidade e envelhecimento:** uma análise do perfil de idosos do município de São Paulo. Saúde Coletiva, v. 5, n. 24, p. 173-177, 2008.

DE OLIVEIRA LOPES, Lais; CACHIONI, Meire. **Impacto de uma intervenção psicoeducacional sobre o bem-estar subjetivo de cuidadores de idosos com doença de Alzheimer.** Temas em Psicologia, v. 21, n. 1, p. 165-181, 2013.

DE OLIVEIRA, Joana Serra. **Desenvolvimento psicossocial e estilos de vinculação:** convergência e divergência de percepções de satisfação na família. 2005.

DE SOUSA, Ana Carla Santos Nogueira et al. **Alguns apontamentos sobre o idadismo:** a posição de pessoas idosas diante desse agravo à sua subjetividade. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 19, n. 3, 2014.

DEZAN, Stéfani Zanovello. **O Envelhecimento na Contemporaneidade:** reflexões sobre o cuidado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos. Rev. Psicol. UNESP, Assis, v.14, n.2, p.28-42, jul. 2015. Disponível em . Acesso em 08 maio 2018.

DOMINGUES, Carla Magda Allan Santos; DE ALVARENGA, Augusta Thereza. **Identidade e sexualidade no discurso adolescente.** Journal of Human Growth and Development, v. 7, n. 2, 1997.

DOS ANJOS, Jussara Soares Marques et al. **Atitudes sobre a Velhice:** Infância, Adolescência, Avós e a Intergeracionalidade. Revista de Psicologia da IMED, v. 11, n. 2, p. 147-165, 2019.

DOS SANTOS TARALLO, Roberta; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. **Atitudes de idosos e de profissionais em relação a trocas intergeracionais.** Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 20, n. 3, p. 423-431, 2017.

FALCÃO, Deusivania V. da S. et al. **Velhices:** temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar. Campinas: Alínea, 2016.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de. **Idoso e Saúde Mental.** Campinas: Papirus, 2010.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. **O papel dos avós na maternidade adolescente.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 22, n. 2, p. 205-212, 2005.

FANTINATO, Marcelo. **Métodos de pesquisa.** São Paulo: USP, 2015.

FERNANDES, Waldemar José. **A importância dos grupos hoje.** Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 4, n. 4, p. 83-91, dez. 2003. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702003000100012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 abr. 2021.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações.** Edições Sesc, 2015.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Políticas da diferença:** para além dos estereótipos na prática educacional. Educação & Sociedade, v. 27, n. 95, p. 495-520, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. 1984. p. 152-152.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho et al. **Programas intergeracionais:** quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010.

FREITAS, Ana Paula de et al. **Envelhecimento e relações sociais:** Um estudo com pacientes psicóticos. 2006.

GIL, Gislaine; LOPES, Ruth. **Programas Intergeracionais no Brasil:** Revisão bibliográfica. Revista Longeviver, n. 40, 2014.

GOLDANI, Ana Maria. Desafios do "preconceito etário" no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 411-434, 2010.

GONDIM, Lillian Virgínia Carneiro. **Violência intrafamiliar contra o idoso:** uma preocupação social e jurídica. Escola do ministério público do estado do Ceará–ESMP. Universidade Estadual do Ceará–UECE, 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti; CALDAS, Célia Pereira. **Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento**: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 6, p. 2931-2940, 2010.

GUERRA, Paula Bierrenbach de Castro. **Psicologia social dos estereótipos**. *Psico-USF*, v. 7, n. 2, p. 239-240, 2002.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: esta é a questão?. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006.

GUTZ, Luiza; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Espiritualidade entre idosos mais velhos**: um estudo de representações sociais. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 16, n. 4, p. 793-804, 2013.

GVOZD, Raquel; DELLAROZA, Mara Solange Gomes. **Velhice e a relação com idosos**: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 15, n. 2, p. 295-304, 2012.

HANEMANN, Ulrike et al. **Aprendendo Juntos Entre Gerações**: orientações para programas de alfabetização e de aprendizagem em família. Alemanha: Instituto da Unesco, 2017.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2006.

HENNING, Carlos Eduardo. **Gerontologia LGBT**: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, n. 47, p. 283-323, 2017.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro Adolescente**: a neurociência da transformação da criança em adulto. [S. L.]: [S. N.], 2015. Disponível em: <http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/cerebro-adolescente-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

"JIMENEZ, Yoana Batista. **A dinâmica intergeracional entre jovens e adultos em uma organização de trabalho cubana**. *Desidades*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 29-37, set. 2016.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia**: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 1, n. 01, 2007.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. Leya, 2018.

LIEBEL, Manfred. 1. **O que se compreende por discriminação?**. *CRIANÇAS E NÃO DISCRIMINAÇÃO*, p. 121, 2015.

LIMA, Cristina Rodrigues. **Programas intergeracionais:** um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. 2007. 285p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252108>>. Acesso em: 9 ago. 2018.

LIMA, Priscilia Melo Ribeiro de et al. **Envolvimento vital:** um desafio da velhice. *Geriatrics, Gerontology and Aging*, v. 5, n. 4, p. 261-268, 2011.

LIMA, Priscilla Melo Ribeiro de; COELHO, Vera Lúcia Decnop. **A arte de envelhecer:** um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 31, n. 1, p. 4-19, 2011.

LISBOA, Aline Vilhena; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. **Transmissão intergeracional da cultura:** um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, v. 12, n. 1, p. 51-59, 2007.

MAGNABOSCO-MARTINS, Claudia Regina; VIZEU-CAMARGO, Brígido; BIASUS, Felipe. **Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias.** *Universitas Psychologica*, v. 8, n. 3, p. 831-847, 2009.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 11, n. 11, p. 83-92, 2004.

MASSI, Giselle et al. **Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos.** *Revista CEFAC*, v. 18, n. 2, p. 399-407, 2016.

MENSAL, CATÁLOGO. **Sexualidade**. 2014.

MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. **Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos.** *Saúde e Sociedade*, v. 20, p. 554-567, 2011.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. **A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 4, p. 373-376, 2007.

MONTEIRO, Maria Fátima Jorge. **Ajuda-mútua e reabilitação.** *Análise psicológica*, v. 15, n. 3, p. 449-452, 1997.

MOTTA, Alda Britto da; WELLER, Wivian. **Apresentação:** a atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 175-184, 2010.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias, gêneros e violências:** Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. *Violência, gênero e políticas públicas*, v. 2, p. 149-176, 2004.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; TRINDADE, Zeidi Araujo. **Criando meninos e meninas:** investigação com famílias de um bairro de classe popular. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Masculino e feminino na família contemporânea.** *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 4, n. 1, p. 0-0, 2004.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. **Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento.** *Temas em psicologia*, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

NERY, Inez Sampaio et al. **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes.** *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.

NETO, Francisco Lotufo; LOTUFO JÚNIOR, Zenon; MARTINS, José Cássio. **Influências da religião sobre a saúde mental.** In: *Influências da religião sobre a saúde mental*. 2003. p. 269-269.

NOVAES, Regina. **Os jovens" sem religião":** ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. *Notas preliminares. Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

NUNAN, Adriana. **Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos.** *Psicologia Argumento*, v. 28, n. 62, 2017.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **A pesquisa narrativa: uma introdução.** *Revista brasileira de linguística aplicada*, v. 8, p. 261-266, 2008.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Amgh Editora Ltda, 2013.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano.** 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREIRA, Rafaelly Fernandes; DE FREITAS, Maria Célia; DE ASSUNÇÃO FERREIRA, Márcia. **Velhice para os adolescentes:** abordagem das representações sociais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 4, p. 601-609, 2014.

PEREIRA, Sandra de Oliveira; REIS, Lilian Perdigão Caixêta. **Contextos de interação e sua inter-relação com o comportamento ecológico.** 2016.

PERES, Mario FP et al. **A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos.** *Archives of Clinical Psychiatry*, v. 34, n. supl. 1, p. 82-87, 2007.

PESSOA, Alex Sandro Gomes et al. **Resiliência oculta na vida de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, 2018.

PISANI, Mariane da Silva; PINTO, Maurício Rodrigues. **Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico.** Revista Estudos Feministas, v. 29, 2021.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Família e adolescência:** a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. Psicologia em estudo, v. 12, n. 2, p. 247-256, 2007.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento.** Consultado em, v. 16, p. 08-13, 2008.

RABELO, Dóris Firmino; NERY, Anita Liberasso. **Intervenções psicossociais com grupos de idosos.** Revista Kairós: Gerontologia, v. 16, n. 4, p. 43-63, 2013.

RALHA-SIMÕES, Rute; RALHA-SIMÕES, Helena. **Envelhecimento e qualidade de vida:** para além da integridade e do desespero. OMNIA, v. 3, p. 11-19, 2015.

RAPPAPORT, Clara Regina & FIORI, Wagner Rocha & DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento.** vol. 4. A idade escolar e a adolescência. São Paulo: EPU, 2003

RODAS, Dina Maria Elías. **Adultismo:** outra forma de opressão e violência. Brújula, 2017.

RODRIGUES, Carla. **Butler e a desconstrução do gênero.** Revista Estudos Feministas, v. 13, n. 1, p. 179-183, 2005.

RODRIGUES, William Costa et al. **Metodologia científica.** Faetec/IST. Paracambi, p. 2, 2007.

ROMANO PINTO, Monique Xavier et al. **Sexualidade e envelhecimento:** a percepção de idosos participantes de grupo de convivência. Fisioterapia Brasil, v. 20, n. 1, 2019.

ROZEMBERG, Laila et al. **Resiliência, gênero e família na adolescência.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 19, p. 673-684, 2014.

RUSCHEL, Ângela Ester; CASTRO, Odair Perugini de. **O vínculo intergeracional:** o velho, o jovem e o poder. Psicologia: reflexão e crítica, v. 11, n. 3, p. 523-539, 1998.

SAAD, Paulo Murad. **Transferência de apoio intergeracional no Brasil e na América Latina.** Os novos idosos brasileiros: muito além dos, v. 60, p. 169-209, 2004.

SANTORO, Emilio. **Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias.** Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito, v. 6, n. 1, p. 15-30, 2014.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **A construção da identidade em adolescentes:** um estudo exploratório. Estudos de Psicologia (Natal), v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003.

SCHWERTNER, Márcia Regina; BODNAR, Roseli. Trapos que aconchegam: o envelhecimento feminino em Lygia Fagundes Telles. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2019.

SILVA, Bruna Rodrigues da; FINOCCHIO, Ana Lúcia. **A velhice como marca da atualidade**: uma visão psicanalítica. *Vínculo*, v. 8, n. 2, p. 23-30, 2011.

SILVA, Raimara Lopes; MEDINA, Patrícia. **Crianças pequenas e a pessoa idosa**: contribuição intergeracional. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, v. 10, n. 22, p. 618-633, 2018.

SOMMERHALDER, Cinara. **Sentido de vida na fase adulta e velhice**. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 23, n. 2, p. 270-277, 2010.

SOUSA, Karolliny Abrantes de et al. **Prevalência de sintomas de depressão em idosos assistidos pela Estratégia de Saúde da Família**. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 21, 2017.

SUÁREZ, Adolfo Semo. **Crise de identidade na adolescência**: breve análise e implicações para a práxis religiosa segundo a teoria de Erik Erikson. *Acta Científica. Ciências Humanas*, v. 2, n. 9, p. 31-38, 2005.

TRAINA, Agma Juci Machado; TRAINA JR, Caetano. **Como fazer pesquisa bibliográfica**. *SBC Horizontes*, v. 2, n. 2, p. 30-35, 2009.

TORRES, Tatiana de Lucena et al. **Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, p. 3621-3630, 2015.

UCHÔA, Yasmim da Silva et al. **A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa**. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, v. 19, n. 6, p. 939-949, 2016.

VALENCA, C. N.; NASCIMENTO, F. J. M.; GERMANO, R. M. **Mulher no climatério: reflexões sobre desejo sexual, beleza e feminilidade**. *Saúde Soc.* v. 19, n. 2, 2010.

VELHO, Otávio. **A religião é um modo de conhecimento?**. *PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion*, v. 1, n. 1, Jul-Dez, p. 3-37, 2010.

VELOZ, Maria Cristina Triguero; NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria; CAMARGO, Brígido Vizeu. **Representações sociais do envelhecimento**. *Psicologia: reflexão e crítica*, v. 12, p. 479-501, 1999.

VENCATO, Anna Paula. **Estereótipos acerca de modelos não tradicionais de família em um curso de formação docente**. *Áskesis-Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, v. 4, n. 1, p. 9-9, 2015.

Veríssimo, R. (2002). **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)**. Porto: Faculdade de Medicina do Porto.

VIEIRA, Aline dos Santos; MELLO-CARPES, Pâmela Billig. **Processo de envelhecimento: percepções de docentes da rede básica de educação do município de Uruguaiana-RS**. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 16, p. 705-712, 2013.

VIEIRA, Kay Francis Leal; DE SOUSA MIRANDA, Rosane; DE LIMA COUTINHO, Maria da Penha. **Sexualidade na velhice**: um estudo de representações sociais. Psicologia e Saber social, v. 1, n. 1, p. 120-128, 2012.

WAGNER, Adriana et al. **A comunicação em famílias com filhos adolescentes**. Psicologia em Estudo, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al. **Continuidade dos estilos parentais através das gerações**: Transmissão intergeracional de estilos parentais. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 16, n. 35, p. 407-414, 2006.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **O idoso na contemporaneidade**: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. Cadernos Cedes, v. 30, n. 81, p. 179-188, 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira; PEREIRA, Renata Susan. **Constituir-se enquanto grupo**: a ação de sujeitos na produção do coletivo. Estudos de Psicologia (Natal), v. 6, n. 1, p. 105-114, 2001.

ZIMMERMAN, D. E. (1997). **Fundamentos teóricos**. In D. E. Zimmerman & L. C. Osório (Orgs.), Como trabalhamos com grupos (pp. 23-31). Porto Alegre: Artes Médicas.